



**Universidade da Lusofonia para a Integração do Espaço lusófono – Antecipar o Futuro
Criar uma nova Sagres do Espaço lusófono
por António Justo**

A consciência social, na sua dinâmica de desenvolvimento foi evoluindo da organização de tribo para a estrutura de estado/nação, encontrando-se hoje, no seu flanco mais avançado, na era pós-nacional. Nesta era de mudanças globais rápidas, a nível de supra-estruturas no sentido dum tecto comum, criam-se problemas de aferimentos de identidades culturais não chegando, para os resolver, uma ideologia apelativa ao progresso, ao dinheiro e relações de mercado, como se estes possibilitessem a formação dum plataforma metafísica de identificação comum. A velocidade do desenvolvimento é tão rápida que torna inseguras pessoas, nações e culturas com outro ritmo ou estado de desenvolvimento. **Para corrigir o curso geral da sociedade global a caminho da entropia, o espaço lusófono unido teria de tomar medidas de fomento dumha consciéncia de pertença a uma biosfera natural e cultural comum, formada por “ecossistemas” étnicos de convergência numa relação de complementaridade.** O biosistema necessita do Sol tal como o “biosistema” lusófono precisará dum ideário/vivência comum. Não é razoável a implementação dum sistema artificial de conexões baseadas no mero intercâmbio mercantil sem se ter em conta o substrato humano de relacionamento alicerçado na dignidade da pessoa humana e consequente comunidade.

Neste sentido, seria óbvio que os países do espaço lusófono (CPLP) se unissem na definição dos pilares dum tecto metafísico comum e para isso começassem por criar um modelo de universidades de expressão conjunta que se tornassem em oficinas mentais de todo o espaço lusófono. Os países da CPLP poderiam criar uma nova escola de Sagres, para si e para o mundo, na continuação do espírito do Infante D. Henrique.

Encontramo-nos num momento histórico de acentuada erosão do sentido de solidariedade, de comunidade e de dignidade humana. A sociedade do mercantilismo liberalista global impõe-se de maneira tão vigorosa que as nações não podem resistir à sua força, sendo levadas na sua avalanche. Isto só serve o grupo restrito dos mais fortes. Com a crise da civilização ocidental – civilização motora da História global desde os descobrimentos portugueses - todo o mundo se encontra em crise. A crise é uma oportunidade, uma situação de gravidez que prepara o momento de dar à luz um novo ser. Trata-se de reconhecer não só os sinais dos tempos mas também as leis da evolução da História.

A mundivisão árabe é dominada sobretudo pelo princípio da subjugação e do medo, o mundo asiático pelo fado individualista/funcionalista, o mundo cristão, que constituiria a mundivisão mais integral, aberta e humanista, encontra-se numa fase de desnudação da pessoa no sentido do indivíduo, a caminho dum tipo de homem chinês. **O significado de pessoa e de comunidade são desvirtuados no sentido do indivíduo e do colectivo. Neste sentido convergem o comunismo materialista, o capitalismo liberal, o islão e uma certa filosofia tradicional asiática.** (De referir que capitalismo e comunismo são filhos do cristianismo!)

A China e a Índia, se não se perderem em lutas intestinas, parecem preparar-se para determinar o destino da humanidade. Isto significará uma acentuação da degradação da pessoa para mero indivíduo (cliente e súbdito). Esta era, dum politeísmo oportuno, tem tanta força que ameaça arrastar, no seu movimento, não só nações, mas até uma civilização que pretendia compatibilizar monoteísmo e politeísmo, pessoa e sociedade.

Neste contexto seria a hora de o espaço lusófono tentar salvaguardar o genuíno espírito humanista e social que até a Europa e a América põem em perigo. Num mundo sem tecto metafísico chove por todo o lado, em casa e na sociedade. O espaço cristão inclui uma visão optimista do mundo, precisando naturalmente dum clivagem como demonstra a sua crise. Os princípios da crise que dele surgiu contêm neles as forças para a sua solução.

Os países lusófonos têm já dado alguns passos no sentido dum maior interligação e co-responsabilização. Uma solução de perspectiva nacional não proporciona uma iniciativa à altura da exigência da época; esta precisa da complementação dum valor maior, um ideal comum a realizar. **O Brasil criou a Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira (Unilab) voltada para os países da África. O próximo passo seria a criação dumha Universidade Aberta da Lusofonia para todo o espaço lusófono.** Esta teria o fim de integração cultural, social, política, económica sob a bandeira da língua e dumha mundivisão cristã aberta. O seu sentido seria fomentar uma cultura com uma identidade comum, partido de sinergias já existentes nos países da CPLP mas a ser alargadas a uma nova filosofia e consequente estratégia.

A parceria solidária basear-se-ia no princípio da complementaridade (convénios de cooperação e intercâmbio científico e de pessoal entre universidades, conhecimento e aperfeiçoamento das línguas e culturas locais, aperfeiçoamento artístico e iniciativas no sentido de celebração e vivência da festa comum).

Uma Maneira diferente de estar no Mundo implica uma nova Estratégia ligada a uma Pedagogia diferente

Um projecto político-pedagógico do espaço lusófono terá sempre como ponto fulcral fomentar sinergias integradoras de polos extremos (masculinidade e feminilidade). A língua portuguesa / lusofonia é o ponto de ligações e relações cruzadas de indivíduos, tribos, raças, civilizações, culturas e valores reunidos numa atitude diferente perante si e o mundo e numa maneira própria de estar e de ser a nível individual e social no e com o mundo. Neste sentido, ao repensar-se a lusofonia, no âmbito da CPLP, contribuir-se-ia para uma maneira diferente de estar no mundo; aquela maneira de ser que a alma lusa realizou antes nas descobertas e continua hoje a realizar na emigração colaborando para a emancipação integral.

Esta maneira de estar diferente (em sociedade e no mundo) interpretá-la-ia deste modo: uma maneira de ser relacional, cum grano salis (com humor).

A religião, a ciência, a política, a economia e a ideologia querem-se na sociedade e na vida apenas como partes complementares e encaradas com espírito de humor. O mesmo se diga quanto à energia masculina e feminina. A acentuação exagerada das forças masculinas (virilidade) na sociedade e na pessoa conduziu-nos ao empasse em que nos encontramos momentaneamente. Seria interessante, neste contexto ocupar-nos, um pouco, com o espírito luso, um espírito mais mãe que pai e que por isso se antecipou nas descobertas e se encontra espalhado em migração pelo mundo. **Aquela atitude de alma escondida no coração dos marinheiros portugueses e que seguia nas naus/caravelas para novas paragens, realizava-se na admiração e mistura com as mulheres das novas paragens. Aqueles homens entregavam-se de coração e alma, sem preconceito, nos braços delas, para nelas se perderem, e ressurgirem de novo mais acrescentados no mestiço.** Assim não só o Estado cumpria a missão civilizacional de dar novos mundos ao mundo mas também a alma lusa, a nível individual, cumpria o seu destino de se rever criando e dando novos mundos ao mundo, nas novas raças, nas novas maneiras de estar. A alma lusa, um estado híbrido de homem e mulher, reconhece-se bem no mestiço. Nela se junta o indivíduo e o colectivo e nela se esvaem os limites circundantes. A alma lusa não se deixa reduzir à definição. Não faz a distinção clara entre poesia e prosa sabendo-se reunida na prosa poética. Sim, a alma lusa é prosa poética num acontecer de prosa a deslizar na poesia.

A componente civilizacional lusa terá que comportar sempre os diferentes pilares civilizacionais. Ultrapassa barreiras étnicas, culturais e continentais. Em vez de cultivar um ressentimento contra os seus invasores, sabe assimilar o saber das civilizações invasoras guardando delas, na memória colectiva, o saber e tecnologias (dos fenícios, egípcios, gregos, romanos, germanos, mouros...) que lhe passaram pelo território. Por outro lado soube chamar a Sagres, os melhores especialistas da altura em questões de navegação e astronomia. Dos seus antepassados, as tribos lusitanas, soube guardar o mito de que eram pacíficas, mas valentes e bons guerrilheiros quando atacados. Este espírito esteve na base do desenvolvimento do processo de miscigenação rácica e cultural concretizado no **milagre brasileiro da miscigenação**. Esta componente civilizacional é hoje continuada especialmente por portugueses e brasileiros espalhados pelo mundo. Onde chegam integram-se como outrora os nossos antepassados integraram o que lhe parecia estranho. Daí a sua experiência: "À terra onde fores ter faz como vires fazer". **Assim, sem se imporem, levaram ao mundo, com espírito templário simbolizado nas velas das suas caravelas ("cruz de goles"), a missão que foi o seu contributo civilizacional europeu para o mundo. Portugal foi precoce ao assumir, outrora, a pesquisa científica e tecnológico como política de Estado. Soube reunir o espírito cristão (convergência da fé de Israel, filosofia grega e jurisprudência romana) ao saber tecnológico colocado como tarefa e missão de Estado.** Já no início da lusitanidade, a corte atraía a si os sábios e técnicos do mundo, dando-lhes trabalho; Esta tradição tem exemplo já no próprio D. Dinis que se rodeava de literatos doutras regiões. Por outro lado, a tolerância portuguesa atraía também cientistas judeus perseguidos na Espanha. Numa estratégia de afirmação complementar soube integrar o espírito tribal lusitano, godo, judaico latino e árabe, tornando-o património do português e da nação, não se afirmando pela diferença mas pela integração. Esta via constituiu a diferença lusa na sua maneira de estar no mundo. Quem hoje teria melhores condições para liderar um tal projecto de lusofonia seria, certamente, o Brasil.

Universidade da Lusofonia para a Integração do Espaço lusófono

Uma Universidade da Lusofonia para a Integração lusófona tornar-se-ia na Interface das diferentes culturas dos países da CPLP.

Nesta universidade deveriam privilegiar-se cursos de mais-valia na promoção duma identidade do espaço lusófono. Promoção do estudo da história e da sociologia/antropologia dos diferentes biótopos culturais sob um ponto de vista hermenêutico e fenomenológico (sinopses comparativas e sinergéticas). Os cursos a ministrar deveriam abranger áreas de interesse mútuo e direcionados para o fomento duma consciência comum: gestão, Administração (formação de quadros), Economia, História, Literatura, Arte, Teologia, Educação, Cultura, Relações Exteriores e Espaço lusófono, fenomenologia das suas mitologias, arqueologia, etc.

Um curso de hermenêutica das diferentes culturas e subculturas seria muito importante para se cristalizarem constantes de identificação. Curso sobre os mitos base das nossas culturas e estudo comparativo entre elas sobre modelos, atitudes e níveis de valores morais.

Isto promoveria, no espaço lusófono, o espírito positivo e o sentido de pertença e de vida como povo; sem sentido de vida, não se pode ter auto-estima, nem verdadeira autonomia nem rumo. O sentimento de inferioridade e o medo são a doença que leva a construir muros fortes mas que extinguem a liberdade, da qual surge o espírito criativo. Como exemplo de consistência (não de vida) podemos ter o mundo islâmico que se define não pelo específico das nações mas pelo código religioso e moral. (Naturalmente que este é um exemplo de

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercédès Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sítio

<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org/>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Carlos Lúcio Gontijo (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Alemanha - António da Cunha Duarte Justo
Argentina - María Cristina Garay Andrade
Bielorrussia - Oleg Almeida
Brasil - Elizabeth Misciasci
Cabo Verde - Nuno Rebocho
Espanha - María Sánchez Fernández

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à directriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal

LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N° 10.994, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2004

Biblioteca Nacional
Brasil

ISNN 2177-5761

prática antagónico ao espírito luso que se define a partir da base e da terra e não a partir de cima, como são, exemplo extremo, o sistema muçulmano e o sistema comunista da Coreia do Norte e da China. Deles só podemos aprender que a união faz a força.)

Uma Universidade Virtual da Lusofonia

Uma outra via passaria pela criação duma Universidade Virtual da Lusofonia em parceria (da CPLP) onde professores das diferentes universidades do mundo lusófono, através da internet, poderiam começar por ministrar disciplinas gratuitamente ("por amor à camisola", como se diz no mundo do futebol) ou orientassem cursos. Criar-se-ia uma espécie de universidade popular de alto nível onde professores e estudantes online frequentassem, intercomunicassem e se pudesse credenciar os estudos feitos. Isto seria tecnicamente possível e concorreria para a democratização dum ensino de alto nível (um tipo de ensino mais maternal e menos masculino). Como exemplo de funcionamento, a nível de professores e de alunos, a Universidade Virtual da Lusofonia poderia orientar-se pela iniciativa do Professor Dr. Sebastian Thrun, um projecto fantástico, que se serve de Vídeo-conferências, foros, chat, etc.

O nosso caminho faz-se a caminhar, no espírito da ortopraxia da velha escola de Sagres. O caminho feito pode tornar-se num impulso para melhor se descobrir a própria singularidade e para, no sentido da lusitanidade, cheguemos onde chegarmos, realizarmos a missão individual e comum de transformar o "Cabo das tormentas" em "Cabo da boa esperança".

António da Cunha Duarte Justo
www.antonio-justo.eu

PS. Este artigo foi feito na continuação de artigos concebidos sob o tema “Repensar Portugal / Recriar o Ocidente - Activar a Lusofonia”. Tenciono elaborar outros e publicá-los todos numa monografia em livro.

###

Brasil - País em Ascensão assume Modelos decadentes
Facilitismo ocidental é mau Exemplo para Países no Vigor da sua Juventude
 por António Justo

"É proibido proibir," tudo é relativo!", "quem manda nos substratos inferiores é a opinião"! Defendem os novos profetas da política, da psicologia e da sociologia, oriundos de povos desenvolvidos mas já virados para o pôr-do-sol da civilização. **Nações jovens deixam-se combalir por ideias e práticas de declínio, válidas talvez para civilizações decadentes mas não para nações ou culturas ascendentes à tribuna do desenvolvimento...**

Uma rede de elites, a nível internacional, une-se para, do alto do seu mirante, ditar as suas sentenças e impedir o desenvolvimento dos biótopos culturais, tal como fez, na paisagem, uma economia que devastou as florestas naturais. Ao colonialismo económico parece seguir-se o colonialismo cultural. Este parte de areais cerebrais aparentemente anónimos e ávidos de poder! **As nações abdicam de si mesmas para estarem atentas aos deuses do Olimpo no seu arrastar das cadeiras. Aqui troveja o deus da sociologia, acolá pontifica o deus da moda, mais além ribomba um deus da universidade com outros deuses da jerarquia. E ao povo, mesmo culto, resta-lhes levantar a cabeça e cacarejar como habitantes dum galinheiro.**

Enquanto nações culturalmente conscientes se preocupam em fomentar a qualidade do ensino, observa-se, em certas nações, a tentação de educar para o facilitismo. Em nome duma socialização do ensino, baixam-se os critérios de qualidade e as exigências na maioria dos estabelecimentos de ensino estatal. Por outro lado as classes dominantes, conscientes da importância da

qualidade do ensino ministrado inscrevem seus filhos em escolas de qualidade (longe das favelas) ou no ensino privado, vocacionado para a qualidade.

Uma ideologia da igualdade momentânea exige: **todo o aluno tem de passar de ano automaticamente, num sistema de ensino indiferenciado. Isto é fraude às classes sociais precárias e menos atentas. Estas só descobrem o dolo e o tempo perdido ao chegarem ao mercado de trabalho.**

A Divisão do País começa com a Divisão da Língua!

O MEC (Ministério da Educação e Cultura do Brasil) distribuiu um livro por 4.236 escolas para quase meio milhão de alunos que estabiliza barbaridades do discurso popular falado, como estas: "Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados", "Você pode estar se perguntando: "Mas eu posso falar os livros?", "nós vai". Naturalmente que é dever da escola pegar no aluno, com respeito por ele, no estádio onde se encontra, independentemente do nível da linguagem, mais ou menos adequada, por ele usada. É natural que na perspectiva do meio popular a criança ao dizer "nós vai" não comete erro porque seguia o padrão social ambiental. Onde não há ciência não se pode culpar a consciência.

Apesar dos reparos ao livro distribuído, por cientistas da língua, para o MEC, ele corresponde aos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) --normas a serem seguidas por todas as escolas e livros didáticos. O MEC argumenta: "A escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma 'certa' de falar, a que parece com a escrita; e o de que a escrita é o espelho da fala", afirma o texto dos PCNs.

O MEC parece considerar o ensino um acto colonizador sentindo-se mais propenso a incrementar um analfabetismo funcional. A eterna questão entre educar e instruir!

A escola não pode querer a bagunça da língua nem pode esgotar-se no combate ao "preconceito linguístico". A vida social, com as injustiças sociais a ela inerentes, só se melhora ajudando os alunos a estarem preparados para enfrentarem a vida social e profissional com dignidade. A fonte do "preconceito" está na injustiça da desigualdade de oportunidades e esta começa pela língua. Quem vai para a escola acredita na ascensão social. Também é natural que qualquer variedade da língua se adequa a uma situação. O aluno deve ser especialmente preparado para se desembaraçar nas situações mais exigentes. **A má consciência duma sociedade que discrimina à nascença não remedia a situação recorrendo apenas a eufemismos de linguagem. Apenas se desobriga sociológica e psicologicamente.**

Facto é que o emprego duma linguagem inadequada pode constituir um erro para a vida pretendida. Sem esforço não se avança. A água não sobe pelos rios. Para subir tem de se "espiritualizar" em vapor. O mesmo se diga duma pessoa, dum povo ou duma cultura. Criar a impressão que o progresso se alcança sem disciplina (regras gerais), sem vontade de subir, sem liberdade criativa é discriminar pela negativa. Para baixo anda a chuva! Pensar faz doer, o ensino pressupõe uma pedagogia desadaptada da sociedade dominante. Doutro modo como aprenderão os alunos, em tempo útil, a "levar a água ao seu moinho"?

Para andarmos na estrada precisamos de regras (código ou regras de trânsito); para circularmos na sociedade precisamos de conhecer as regras da língua (a gramática). Doutro modo passaremos a vida a andar por carreiros ou por estradas camarárias sem termos a possibilidade de entrar nas auto-estradas da vida social. As elites hodiernas, sem conteúdos nem ideias humanas, optam pelo simplismo. **Para oferecerem aos distraídos da vida têm sexo, diversão e opinião! Isto é de graça para todos; o poder e o melhor pão, esses são para os que se empenharam na sua formação.**

No mundo da opinião toda a gente tem razão. Só que a língua é anterior à filosofia e para se "ter razão" não chega a opinião, é precisa a razão que advém da sua fundamentação. No mundo do dogma da verdade da opinião preparam-se as pessoas a ter

sem razão e assim a aceitarem a opinião sem destrinça. Nisto está interessado um globalismo que pretende reservar para poucos a capacidade de pensar e vê na formação séria da maioria um impedimento às suas arbitrariedades. **Manter um povo na incapacidade de se expressar é o melhor pressuposto para uma ditadura consistente e para impedir a concorrência de possíveis competidores treinados.** A defesa e empenhamento pelo proletariado não podem abdicar da qualidade; não chega o „para quem é, bacalhau basta”.

O Homem define-se e desenvolve-se pela Língua

Na capacidade de diferenciações dentro duma língua, podemos observar a maior ou menor capacidade de expressão dum povo. Ela é como que a sua matriz e dá testemunho do seu maior ou menor grau de desenvolvimento intelectual.

A língua é ao mesmo tempo a minha casa e a minha Ágora. Ela é não só abrigo mas também expressão de relação. Para se abrigar, tanto chega uma palhota, uma favela, como um palácio. Como vivemos num mundo do “homo homini lupus” temos porém que preparar o aluno/a com instrumentos adequados. Antigamente dizia-se: “pela aragem se vê quem vai na carruagem”.

Um espírito decadente e uma proletarização da cultura estão cada vez mais na moda.

Quem defende a proletarização da língua, ao orientar-se por um padrão minimalista e miserabilista, atraiçoá o interesse do proletariado. Este tem de exercitar o seu intelecto e aprender formas mais complicadas de entender uma realidade complexa.

A cúpula da pirâmide não desce à base proletária; esta é que tem de se preparar e consciencializar da subida. “Para cima só os anjos ajudam; para baixo todos os diabos empurram!” Em geral reconhece-se que a matemática e o latim são grandes meios auxiliares de estruturação do cérebro e do pensamento. **O ensino sério duma gramática coerente é certamente o primeiro instrumento de organização e ordenação mental que não deve ser recusado ao povo, seja ele o mais pobre e alheio à cultura oficial!** Regras não inibem a criatividade. São pelo contrário o seu pressuposto. A criatividade ordena o caos. Pressupõe inteligência e esforço!

Países que ainda não atingiram o apogeu do seu desenvolvimento não se devem deixar orientar pelo relativismo decadente vigente nos povos ocidentais interessados em não caírem sozinhos.

Um país como o Brasil, para assumir a liderança do continente sul-americano tem que arrogar-se responsabilidade apostando sobretudo na formação do povo. O relativismo decadente assumido em política de língua pode ser um sinal de que o Brasil não se quer preparar para assumir tal posição! O país não se pode perder em repetir experiências de povos decadentes. Deve ter a coragem de errar por si para aprender; tem de crer para poder! Desenvolver a criatividade no sentido da lusofonia.

“Mesmo o mais corajoso entre nós só raramente tem coragem para aquilo que ele realmente conhece”, Nietzsche (citado em JORNAL DE OLEIROS).

Boa noite Brasil!

António da Cunha Duarte Justo

www.antonio-justo.eu

(Direitos de autoria reservados)

ENCERRAMENTO DA LIVRARIA CAMÕES NO RIO DE JANEIRO por Victor Jerónimo

A revista **eisFluências** une-se ao protesto dos milhares de portugueses e não só sobre o encerramento da Livraria Camões no Rio de Janeiro. A Livraria Camões foi fundada no Rio de Janeiro, há mais de 40 anos e considera-se que a manutenção da livraria é um contributo fundamental para a promoção do património cultural português no Brasil. (*vide*

A própria Associação de Reformados da INCM, cuja empresa é proprietária da Livraria, “LAMENTA QUE A NOSSA EMPRESA SEJA FALADA POR TAIS MOTIVOS! A TODOS OS MEUS AMIGOS (E COLEGAS) PEÇO DESCULPA DESTE MAU EXEMPLO DE GESTÃO”

<https://www.facebook.com/ARINCM>

Existe um abaixo-assinado encabeçado com Manuel Alegre, ex-candidato presidencial, onde os escritores querem mostrar o descontentamento e impedir que a livraria encerre definitivamente.

“Desconsiderando uma casa cujos méritos nunca deixaram de ser reconhecidos, designadamente na relação que promove entre os países dos dois lados do Atlântico, atinge-se o valor estratégico que é a difusão da língua e cultura portuguesas, bem como as dimensões simbólicas projectadas pelo poeta celebrado no nosso Dia Nacional, que sempre encontrou no Brasil alguns dos seus estudiosos e cultores maiores”, diz o documento que já conta com assinaturas de nomes como Fernando Pinto do Amaral (comissário do Plano Nacional de Leitura), Inês Pedrosa (escritora e directora da Casa Fernando Pessoa), Isabel Pires de Lima (ex ministra da Cultura) e José Jorge Letria (presidente da Sociedade Portuguesa de Autores).

“Portugal não deve nem pode prescindir de uma das suas armas de afirmação fundamental, a língua de Camões e quanto nela se exprime, para além de juízos

conjunturais e da muito duvidosa racionalidade que os incita”, continua o manifesto. Valter Hugo Mâe, Manuel António Pina, Maria Alzira Seixo, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, Isabel Ponce de Leão, Jacinto Lucas Pires, Lídia Jorge, Nuno Júdice, Pedro Tamen e Maria Teresa Hora e dezenas de outros escritores protestando contra o encerramento da dita livraria no dia 31 de Janeiro de 2012.

<http://www.publico.pt/Cultura/escritores-unemse-em-abajoassinado-contra-o-fecho-da-livraria-camoes-1528583#.Tw4sREW5acB.facebook>

“A Livraria CAMÕES é patrimônio da cultura de Língua Portuguesa e, mais do que isso, é ambiente absolutamente necessário para que possamos continuar a dar vivas a nossa Literatura e aos seus poetas e romancistas, a bem dizer a toda Arte de mares ainda a navegar.” por Clavis Prophetarum in <http://movimentolusofono.wordpress.com/>

Muitos mais protestos estão a ser publicados, nas mídias mundiais assim como por toda a internet.

Veja um vídeo na Radio Televisão Portuguesa, sobre a Livraria Camões: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?t=Livraria-Camoess-vai-fechar-no-Rio-de-Janeiro.rtp&headline=20&visual=9&article=517943&tm=4>

Dói a alma ver que toda a cultura portuguesa está a desaparecer no mundo, pois não é só a Livraria Camões a encerrar as portas como o ensino da Língua Portuguesa em vários países.

Quo vadis Portugal?

Victor Jerónimo é Director da revista **eisFluências**
<http://eisfluencias.ecosdapoesia.org/>

21.Jan.2012

ENTREVISTA COM SILAS CORRÊA LEITE

por Oleg Almeida



Silas Corrêa Leite é, sem sombra de dúvidas, um dos mais originais escritores deste Brasil pós-moderno. Autor de numerosas obras em verso e prosa, ele possui sua própria, peculiar e inconfundível visão de realidade, que vem manifestando de maneira socrática: com ironia, coragem, irreverência. Tais qualidades marcam a entrevista que esse paulista de Itararé concedeu ao nosso correspondente Oleg Almeida.

Oleg Almeida: Para começar, gostaria que o amigo nos contasse um pouco de sua história pessoal. Como foi seu caminho até a poesia: longo e penoso, uma espécie de via crucis criativa, ou algo fulminante, uma revelação, “un coup de foudre” como dizem os franceses?

Silas Corrêa Leite: Bem, filho de protestante calvinista ortodoxo, músico, letrista, apresentador de programa de rádio, regente-fundador de corais e bandas, um cígano peregrino e, paradoxalmente, comunista fã do Brizola, nascido em Itararé, mas com ancestrais oriundos das plagas sulistas e, de muito antes, cristãos novos da Ilha da Madeira (Portugal), nasci depois de seis mulheres – um bruxo ou um mago? – e já nasci marcado: 19 de agosto de 1952, um dia fatídico, um mês trágico e um ano místico. Será o impossível? Com duas notas musicais no nome – si...lás... – cedo fui treinado para ser músico e pastor. Da música fui como o diabo da cruz, e virei pastor de poemas. Lia muito, feito um condenado a viver que fugia no letral. Gostava mais de ler do que de existir. E como era um peralta hiperativo – minha sábia e santa genitora dizia “espeloteado” –, só os castigos físicos não saravam ou purgavam, então tinha outros. Ler jornais (as brigas do escroto Lacerda com o revolucionário Brizola), ler dicionários e ler a Bíblia, o maior livro que li em toda a minha vida. Fui politizado antes de ser alfabetizado. E uma professor-a-anjo – um dos tantos que Deus colocou em minha vida – com a pedagogia-do-afeto descobriu-me pequeno poeta, com 8 anos já escrevia meus poemas pueris; com 16 anos escrevia para jornais de Santa Itararé das Letras, Cidade Poema, trabalhava em emissora de rádio – descobri a mulher, o rock, o teatro, o humor, o mundo mágico da arte – e colaborava com crônicas para um suplemento jovem que o semanário jornal local O Guarani trazia encartado. De tanto ler e de tanto pensar o “ver”, dei-me a escrever feito um liquidificador vazando ideais, já me afinando e afiando, portanto, a minha metralhadora dialética cheia de lágrimas, feito um ser “marcado” para viver num “mondo cane”, pior, muito pior: sobreviver entre brucutus. Minha vulnerabilidade sensível fundando um caos-parede... muro de proteção literal. A poesia foi o meu revólver quente, como diriam Os Beatles. A poesia me salvou de mim. Meu reino da fantasia. Meu mundo mágico. E Itararé, um ninhal. A literatura meu mundo encantado... Mas como dói...

OA: O que é, a seu ver, a poesia: tão só uma atividade literária – regrada, regulamentada e, de preferência, remunerada; um modo de pensar, de sentir e de viver fora de comum ou, quem sabe, uma arma quixotesca, voltada contra as mazelas da humanidade?

SCL: A poesia é a mais simples, pura e bela arte como libertação. É enxergar no caos pelo olhar da poesia, tirar leite de pedra. Mais que atividade, uma sina, uma culpa-dor, uma causa-bandeira, um exercício de depuração, modo de pensar-sentir o próprio escrever...

feito uma arma de autodefesa contra o pântano da condição humana, a sociedade-câncer, a civilização impune... Um grito rasgado no ar... Uma dança de arco-íris marrom nos divertindo no limite do horror da espécie com laços feito uma defesa íntima contra o tédio de existir... sobreviver... A poesia nos salva do limbo, mesmo às vezes sendo o próprio limbo de nosso lado sentidor, pensador, avesso de haver-se...

OA: “A tirania não entende a poesia; se assim não fosse, logo a mataria!” – diz o famoso poeta russo Andrei Voznessênski. “A poesia não vende, – alegam, volta e meia, os despotas do mercado livreiro, – não a queremos!” É fácil ser poeta nos dias atuais? Ou, de modo mais universal, a poesia se enquadraria nos padrões do tecnogênico e transgênico século XXI?

SCL: Ser poeta é uma sentença de culpa antecipada. Existir a que será que se destina, diria Caetano Veloso. Sentimos antes. Choramos quando escrevemos, dando testemunho. Corto os pulsos com poemas, me morro a cada frase, poema ou sentença. Poesia não é para ser vendida. Deveríamos semear livros de poemas em trincheiras e guetos, em rotas de fugas e zonas de fronteiras humanamente sordidas. A poesia será sempre a válvula de escape, nossa droga letral, entre o tablet-consciência ou quando a rede range, e escrevemos twitter-poemas ou no facebook depositamos nosso ver/sentir contraditório, paradoxal, portanto, tudo anti-humanus... Que lixo é a terra, aterro sanitário da escória de espaço sideral? Poesia, meu chorume de existir... Existir?

OA: É evidente que boa parte de seus poemas se inspira em fatos e impressões do dia a dia. Como é que um verdadeiro poeta deve trabalhar: no silêncio e recolhimento de seu gabinete, como Longfellow, ou à mesa de um barzinho, como Apollinaire?

SCL: O silencio é a minha oficina. A solidão meu laboratório, Escrever meu solo de silencio e solidão. Eu faço poesia para ter companhia. E Deus deve amar os loucos, criou tão poucos. Viver é antinatural. Morrer é orgânico. Meu poetar um link de arquivo de delação, feito um Rimbaud pós-moderno e neomaldito no reino da web... As acontecências do dia a dia me orquestram o poetar salubre. E faço de letras de rock a microcontos, de baladas rueiras a sentimentos revisitados, repudiados, jogados no ventilador das impunidades históricas que vão do Grão Bicho Bush ao esterco de uma mídia amoral parindo bestas-filhos do neoliberalismo câncer e suas privatizações-roubos (privatarias, como em Sampa, Samparaguai) até ao neoescravismo da terceirização, em que se fala do fim do marxismo, mas o capitalhordismo americanalhado e sordido, canibal, leviano, sujo, se nutre do dinheiro público para legalizar lucros impunes, propriedades-roubos, lucros injustos. Escrever me faz ser antena da época... Berrar é humano?

OA: “A ironia não é o início da filosofia, mas, sim, o fim dela... É preciso passar pela tragédia de meditação e desespero para chegar ao riso, um riso amargo” – o escritor grego Kostas Varnalis atribui essas palavras ao grande Sócrates. Seus textos são notavelmente irônicos. A ironia apenas faz parte de seu arsenal poético ou tem a ver com a sua visão de mundo?

SCL: Ao mesmo tempo que arsenal macerado do ver e sentir, é também um riso tolo sobre as tolices das poses, das causas, dos podres poderes, e ainda assim e por isso mesmo, sobre todas as coisas, um rir do mundo, do homem, de suas insanidades jecas, de suas besteiras existenciais em que o moderno nos torna reféns de comodidades-doenças, em que o consumo idiotiza, em que vamos para o espaço e nos perdemos de nós mesmos, o lobo do homem vai virar robô do lobo, na improbabilidade de pertermos para nós mesmos, de sermos vermes e nos acharmos santos. Não, não somos uma sociedade de santos, não podemos querer políticos santos, imprensa santa, literatura santa... Antes, escrevemos nosso ridículo inferninho pessoal. Ai de nós!

OA: O que o amigo poderia dizer a respeito da poesia brasileira de hoje? Os grandes nomes ainda existem ou ficaram ali no passado, na época das escolas e vertentes clássicas?

SCL: Os grandes nomes sobrevivem, são referenciais, não se faz um nome novo em menos do que 50 anos. Escrevemos para o devir, o tempo será o melhor juiz de cada época, geração. A poesia está perdida. Por isso ela está procurando trilhas para se fazer de interessante. Vamos e voltamos. O que era já passou ensinando erros e acertos. O novo procura veios. Alguns egos são melhores e mais midiáticos do que de qualidade. Morrendo e aprendendo. Escrever é rolar pensagens, visões desse infinito inferno particular de cada um por si e salve-se quem puder...

OA: Há muitos jovens, aqui no Brasil, que pretendem ser poetas. Que conselhos é que o poeta Silas Corrêa Leite daria a quem se enveredar para o lado da poesia?

SCL: A moda é ser pagodeiro, cantor sertanejo ou jogador de futebol. Os que escapam querem ser poetas, pobres coitados. Sobra pouca qualidade no contexto imediatista de cada um. Poesia não rima, não vende, mas sangra e deixa sangrar. Poesia nem é direito enveredar, mas ser paradoxal e mexer com vespeiro de ideias. Ser poeta é quase uma cruz, como ser professor, trabalhando o bisturi da alma. Foi fugindo de mim, de existir, que me refugiei na poesia. Minha poesia-ilha-de-edição me salvou – ou me perdeu – de mim. Então não dou conselho. Dou venenos, que cada um, da palavra semeada faça o que quiser de seu canteiro ou aterro pessoal. Ao poetar pago alguma pena de existir?

OA: Muito obrigado, caro amigo, pelas suas respostas argutas e sábias. Em nome da revista **eisFluências**, desejo-lhe novos sucessos no exercício do nobre ofício poético!

ESTATUTO DE POETA por Silas Corrêa Leite

Artigo Um

Todo Poeta tem direito de ser feliz para sempre, mesmo além do para sempre ou quando eventualmente o “para sempre” tenha algum fim.

Artigo Três

Nenhum Poeta padecerá de fome, de tristeza ou de solidão, até porque a tristeza é a identidade do Poeta, a solidão a sua Pátria, sendo que a fome pode muito bem ser substituída por rifle ou cianureto. E depois, um poeta não precisa de solidão para ser sozinho. É sozinho de si mesmo, pela própria natureza, com seus encantários, mundo-sombra e baladas de incêndio.

Artigo Quinto

Nenhum Poeta será maior que seu país, mas nenhuma fronteira ou divisa haverá para o Poeta, pois sua bandeira será a justiça social, pão, vinho, maná, leite e mel, além de pétales e salmos aos que passaram em brancas nuvens pela vida. E depois, uns são, uns não, uns vão, uns hão, uns grão, uns drão – e ainda existem outros.

Artigo Sexto

A todo Poeta será dado pão, cerveja, amante e paixão impossível, o que naturalmente o sustentará mental e fisiologicamente em tempos tenebrosos ou de vacas magras, de muito ouro e pouco pão.

Artigo Sétimo

Nenhum Poeta será preso, pois sempre existirá, se defenderá e escreverá em legítima defesa da honra da Legião Estrangeira do Abandono, à qual sabe pertencer, com seu butim de acontecências, ou seu não-lugar de, criando, ser, estar, permanecer, feito uma letargia, um onirismo.

Artigo Décimo

Poeta não precisará mais do que o radar de seus olhos, as suas mãos de artesão sensorial no traquejo do cinzel interior, criativo, sua aura abençoadas e seu halo com tintas de luz para despojar polimentos íntimos em verso e prosa, como pertencimentos, questionários e renúncias.

Artigo Décimo Segundo

Poeta pode ser Professor, Torneiro-Mecânico, Operário, Jardineiro, Fabricante de Bonecas, Vigia-Noturno, Engolidor de Fogo, Entregador de Raposas, Dono de Bar ou Encantador de Freiras Indecisas. Poeta só não poderá ser passional, insensível, frio ou interesseiro. Ao poeta cabe apenas o favo de Criar. O poeta escreve torto por linhas tortas (um gauche), poesilhas (poesia rueira e descalça) e ficção-angústia. Escreve (despoja-se) para não ficar louco... para se livrar do que sente. O Poeta, afinal, é um “Sentidor”.

Artigo Décimo Sexto

Não existe Poeta moderno, clássico, quadrado, matemático como pelotão de isolamento, ou só aleijado por dentro, pois as flores e os rios não nascem nunca iguais aos outros, sósias, nem os poemas são tijolos formais. Nenhum Poeta poderá produzir só por estética, rima ou lucro fóssil. Poesia não é para ser vendida, mas para ser dada de graça. Um troco, um soneto, uma gorjeta, um haikai, um fiado pago, uns versos brancos, um salário do pecado, um mantra-banjo-blues. E todo alumbramento é uma meia viagem pra Pasárgada.

Poeta é tudo a mesma coisa, com maior ou menor grau de sofrimento e lições de sabedoria dessas sofrências, portanto, com carga maior ou menor de visão, lucidez, sensoriedade canalizada entre o emocional e o racional, de acordo com a sua bagagem, seu vivenciar, seu prisma existencialista de bon vivant. Poeta há entre os que pensam e os que pensam que pensam. Entre os que são e os que pensam que são. A todos é dada a estrada de tijolos amarelos para a empreita de uma caminhada que o madurará paulatinamente. Ou não. Todo poeta é aprendiz de si mesmo, em busca de uma pegada íntima, e escreve para oxigenar a alma. Afinal, são todos sementes, e sabem que precisam ser flores e frutos, para recriarem, para sempre, a eterna primavera.

Todo aquele que se disser Poeta, assim o será, ou assim haverá de ser.

Saiba mais sobre **Silas Corrêa Leite**, na respectiva página da minha antologia Stéphanos:
http://www.olegalmeida.com/page_25.html (arquivo S)

Oleg Almeida, Brasília/DF, Brasil
www.olegalmeida.com.



RUBENIO MARCELO, um expoente das letras brasileiras

por Marco Bastos

POESIA BRUSCA

Eu sou feliz
Graças a ti, poesia brusca,
Dormi engenheiro,
E acordei poeta.

Na paz, depois da paz
Eu corro e voo,
Completo em mim
Se estou em ti.

Marco Bastos

Rubenio Marcelo nasceu no município cearense de Aracati, cidade do rio Jaguaribe e da belíssima praia de Canoa Quebrada, e que fica a 150 km da capital Fortaleza. Em Aracati, cursou o estudo primário, em regime de internato no Colégio Marista. Com 10 anos de idade, foi com seus pais para Fortaleza, onde estudou no Colégio Liceu Cearense e, aprovado posteriormente para a Universidade Federal do Ceará, cursou Engenharia Agronômica. Com vinte e poucos anos, após passagem por Brasília, foi residir em Campo Grande/MS, onde se formou em Direito (pela UCDB). É casado e pai de dois filhos. Pela sua atuação literocultural em prol da Capital e do Estado em que reside, já foi outorgado com os seguintes Títulos Honorários: *Título de Cidadão Campo-Grandense*, *Título de Cidadão Sul-Mato-Grossense*, e *Título de Cidadão Anastaciano*. Também já residiu em Campina Grande/PB.

É membro e atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras - ASL (cadeira nº 35); membro da Academia Maçônica de Letras de MS (cadeira nº 13); membro titular do Conselho Estadual de Cultura de MS; membro titular do Fórum Estadual de Cultura (FESC/MS); membro correspondente da Academia Lavrense de Letras (título outorgado em 29 de setembro de 2011), e membro da União Brasileira dos Escritores (UBE-MS). É o atual coordenador da *Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*, que já vai na 20ª edição.

Indicou e apresentou para membro-correspondente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras o eminent humanista e escritor japonês Daisaku Ikeda (ícone mundial da Paz), que foi eleito por unanimidade e teve a sua recepção feita em discurso solene por Rubenio Marcelo, na noite de 18/11/2010, em concorrido evento da ASL.

Poeta escritor e compositor (além de revisor), é autor de oito livros publicados e dois CD's, sendo que suas obras mais recentes são os livros "Graal das Metáforas" (poesia), "Horizontes d'Versos" (poesia) e "Uma Saga do Cotidiano" (este, uma novela em versos, em coautoria com Odir Milanez e Fernando Cunha Lima, e prefaciado por Ronaldo Cunha Lima). Encontra-se com um novo livro autoral no prelo: "Voo de Polens – 100 sonetos e outros Rebentos Poéticos" (obra aprovada pelo Fundo Municipal de Investimentos Culturais – FMIC – Fundação Municipal de Cultura de Campo Grande/MS), com lançamento programado para início de 2012.

Participou – como convidado – da I Bienal Internacional de Poesia (I BIP), que aconteceu em Brasília e reuniu poetas do Brasil e do exterior. Faz parte da Antologia Oficial da I BIP (intitulada "Poemário" e organizada pela Biblioteca Nacional de Brasília) com poemas autorais e dados biobibliográficos respectivamente nas págs. 210, 211, 212 e 268. Obra lançada no dia 03/09/2008, na Biblioteca Nacional de Brasília, DF.

Escreve como colunista da Revista Destaque (Campo Grande-MS); para o suplemento cultural do Jornal Correio do Estado; e como colaborador do Jornal O EstadoMS.

Da 'inspiração' e processo criativo:

Rubenio Marcelo define assim a sua 'inspiração' e o seu processo criativo:



“É um sopro emocional que se apossa de mim e me conduz aos páramos inefáveis onde as palavras e imagens me contemplam em fecundos colóquios festivos. A linguagem inventa a minha realidade e deflagra o meu universo poético. Às vezes, no meio do trabalho ou de um silêncio comigo, surge algo que desperta em mim uma emoção diferente, algo que deveras transcende, que com certeza é o que denominam de 'fonte de inspiração'. Assim, me vêm palavras e versos e ideias e também inclinações musicais. Vezes, paro e anoto estes rebentos de criação. Contudo, como não sou defensor da inflexível e completa inspiração (esta coisa instantânea, que já vem pronta), cultivo, outrossim, a prática da transpiração, isto é: lapidar e trabalhar razoavelmente o produto final da obra, reescrever o texto se for preciso (balizando a sensibilidade emotiva e a razão), até que ele atinja o ponto poeticamente desejado. Em releituras, sempre mudo aspectos dos meus poemas. Geralmente, vivencio aquilo que escrevo (ou vivo o círculo daquilo que escrevo) – e vice-versa. Não me preendo a uma fisionomia única de escrita. Gosto do soneto, do verso livre, do haicai, da décima, do poema beat, e até do concreto e oacrístico. Entanto, geralmente, embalo-me no ritmo do que escrevo. Enfim, entendo que – quando escrevemos – devemos sempre, com desvelo, exercitar a arte real da linguagem, buscando o prazer nas palavras, ou no jogo delas, para que consigamos, assim, aflorar as sensações originais da desejada arte poética, ou seja: agradar deveras o espírito e afagar a sensibilidade. Precisa o poeta saber exercitar nos seus textos a síntese estética da hermenêutica dos modos de ver, sentir, pensar e estar nesse mundo. E é preciso que o poema exale significante poesia, possua transbordante poeticidade, e explore a alma das palavras. Certo também é que a Poesia às vezes surge do nada; e outras, se insurge a tudo”.

A propósito, o cerne do que chamamos de 'inspiração', Rubenio Marcelo expressou assim, em soneto autoral intitulado “Fogo da Poesia”:

“Não é fogo de palha é fogo imenso
O fogo que azuleja a poesia;
É qual fogo sagrado que anuncia
O donaire em seu lume mais intenso.

É fogo perenal sempre propenso
Alabaredas de supremacia...
É o clarão mais perfeito da magia
Que com a flama da essência faz consenso.

É o fogo impetuoso das lareiras
Aquecendo as visões alvissareiras
Que nos tocam com jeito e sutileza...

É o mistério das messes ancestrais
Que revela o semblante dos graais
Das gemas borbulhantes da beleza!”

E no seu soneto “*Taça Poética*”:

“Há um vaso dourado sobre o escrínio
Que decora um recinto azul-turquesa,
Ofertando reflexos de fascínio
Aos que sondam o reino da pureza.

Há magia e luz neste condomínio
Esparzindo os arcanos da beleza...
Quem com o estro coabita em tirocínio,
Fertiliza a existência com lhaneza.

Assim como os antigos navegantes
Procuravam tecer rotas distantes
Seguindo fielmente a estrela-guia,

Quando o tédio quer invadir meu ser,
Eu procuro guiar meu proceder
Com faróis desta taça de estesia.”

Como também, ainda, em “*Cálix da Inspiração*”:

“Num cálix borbulha o meu pensamento
Energizado no metaforismo...
Essências em clarões... Real portento
Que vem amenizar o meu mutismo.

Porque tudo se esvai em desalento,
De quando em vez, eu paro e sondo e cismo...
E, nesta interação, desacorrento
Meus braços – espírais do niilismo.

Se o estro está longínquo, então num ápice,
Eu busco a primazia neste cálice
Que me conduz, qual lérido alazão...

Assim, ante os mistérios infinitos,
Contemplo as florações sutis dos mitos
No dorso alado e azul da inspiração.”

RM

Definição pessoal de Literatura:

Considerações do poeta Rubenio Marcelo sobre Literatura: “É a sensação especial que envolve a experiência que o ser humano pode ter no sentido de vivenciar o elo transcendental entre o homem e o cosmos. A literatura permite isto, que façamos essa viagem metafísica, sublimando o cotidiano, recriando a realidade e descobrindo o êxtase do incognoscível que nos espera na manhã grávida de emoções e mistérios. Por meio da imaginação, da intuição, e também da tangível percepção, conseguimos galgar espaços que, sem a literatura, não alcançaríamos. Outrossim, a literatura, no que concerne a expressão da palavra retransmitida através das gerações, é uma luz perenal que revela toda a vida e história de uma nação (pela literatura, temos acesso também à historiografia, à diversidade cultural, às tradições e à memória de um povo). Sem a literatura, não teríamos também o sublime prazer de flertar a palavra que alça voo pelos céus do imaginário, a linguagem reinventada pela arte do fazer poético (da poesia), que é – como sempre tenho dito – o *santo graal dos nossos corações.*”

Exteriorizando, à luz das metáforas, algumas das emoções que vivencia quando escreve seus poemas, Rubenio Marcelo tece em ‘**Rebentos Poéticos...**’:

“Neles sou o viajante ressurgente
no convés do tempo
segundo as galivotas que partem
em íntimas esperas e expedições
rumo à solidão do infinito...

ante as searas guardadas no eterno,
ouço auroras e ouso
desacorrentar nuvens e sonhos;
semeio cânticos
em meio às sagas e fragas...

neles revisito
o plenilúvio e os clarins dourados
da antemanhã
em plena beira mar...
renovo-me em pedras e pássaros,
passeio em símbolos
decifrando as queixas
da noite onipresente.

também sou o dia
e o silêncio dos rochedos...

os flamboyants me ensinam
a sorrir...

fico e estou, embora longe...

voo...
vou-me em boa hora
e toco o abstrato.”

RM

E, exaltando a força arcana e os mistérios da arte fecunda da literatura em versos, atesta o poeta no seu soneto “*Fecundidarte*”:

“A sensatez do verso em correnteza
gestada pela força mais completa
da inspiração altiva do poeta
desabrocha os estames da beleza...

Traz essências da paz, mostra a proeza
do sol imaginário que projeta
o semblante da vida e traça a meta
dos sonhos da palavra em sã nudeza...

Desvenda a tessitura do intocável
e – num impulso arcano, assaz notável –
penetra na aridez e quebra a algema.

Há mil mistérios nas sendas dos versos
que timbram horizontes abstérsos
na tez fecunda e casta do poema!”

RM

Da Poesia nas bases da educação e como vetor de resgate da prática da leitura:

Acerca deste importante tópico, o poeta Rubenio Marcelo assegura: “Alguns equivocados chegam até a dizer que as crianças e os jovens de hoje não gostam de poesia. Gostam sim (quem não gosta da beleza?), e temos a prova disto em atividades que ministrarmos, como, oficinas poéticas e palestras do gênero. Eles não gostam – ou não gostarão – se não tiverem acesso à boa poesia. Não podemos gostar daquilo que não conhecemos ou não praticamos (a desinformação é que gera o caos).

O movimento sistemático das oficinas culturais, a presença do escritor nas escolas, o contato direto da poesia com os jovens estudantes, a introdução dos livros regionais nas disciplinas afins dos estabelecimentos de ensino, a divulgação da literatura em eventos privados ou públicos, são atividades que devemos incentivar sempre. Isto é fundamental para o florescimento do gosto literário e a prática da escrita e da leitura. Temos, por isso, que apoiar os lançamentos de bons novos livros, os recitais, as feiras e exposições literárias, a otimização das bibliotecas (tanto públicas, como particulares), bem como a divulgação efetiva dos nossos autores e suas obras.



A recente pesquisa patrocinada pelo Instituto Pró-Livro, intitulada Retratos da Leitura no Brasil, mostrou que a poesia é o quinto gênero literário mais lido no nosso país. A pesquisa também revelou que o índice de leitura entre crianças aumentou, e isto é muito importante e deve-se muito à inserção natural da arte poética nos currículos escolares e nas bases da educação. O interesse pela leitura e o livro deve começar bem cedo, na infância, dentro da família, em casa, e especialmente na escola. A família e o universo escolar são, a meu ver, os principais vetores para o efetivo hábito da leitura."

Poetizando a poesia, tece Rubenio Marcelo:

"A poesia
codifica os coágulos das reminiscências
e desvenda as flâmulas das noites
que se escondem no dorso do tempo...
Descobre traços
nas luvas brancas da distância...
Num só espaço,
dialoga com nuvens e estrelas-do-mar...
Recria adeuses e saudades.
- Partida..."

A poesia
vem da ríspida concretude
do cotidiano
e alcança as plataformas lúdicas
do intocável...
- Viagem.

A poesia reverte a espera,
carrega o pranto e o sonho;
escande o verde dos coqueirais
e as franjas dos abetos-brancos
da ilha misteriosa
que contemplamos
na manhã da eternidade...
- Chegada.

A poesia
materializa o sorriso do plenilúrio
que desfila no céu da canção;
busca a visão da entrega,
enxerga as tangentes da alma,
com jeito, com calma...
Partilha acordes de um realejo,
beijos, encantos...
- Desejo..."

A poesia
predestina e consolida
a transcendência infinita
da absurda lucidez
dos sonhadores que se aquecem
ante a lareira da beleza.
- Conquista!"

RM

RME Escritores e poetas que admira:

Quanto aos escritores e poetas que admira, Rubenio Marcelo afirma: "Há uma consistente lista de notáveis escritores, dos quais eu gosto muito. No nosso atual universo regional, cito, por exemplo, Manoel de Barros, Geraldo Ramon, José Pedro Frazão, Maria da Glória Sá Rosa, Raquel Naveira, José Couto Vieira Pontes e Abílio de Barros. Outrossim, não posso deixar aqui de enfatizar aqueles autores universais que nos acompanham pela vida, marcando influências no semblante da nossa criação, tais como: Augusto dos Anjos, Castro Alves, Drummond, Cora Coralina, Gerardo Mello Mourão, Patativa do Assaré, dentre outros. Também gosto muito de Neruda, Camões, cuja obra eu tive acesso ainda muito jovem na casa dos meus pais, e Fernando Pessoa. Quando eu tento tecer um soneto, na busca de timbrar algo poético, ou quando escrevo temas harmonizados com o metro do verso ou a forma do texto, claro que me adorna a mente aquela essência natural que apreendi lendo poetas como Bilac, Cruz e Souza e até outros mais modernos, como Vinícius. Destaco também – e cada um em seus estilos – os meus amigos poetas Ronaldo Cunha Lima (PB) e Antonio Miranda (DF).

Como sou um admirador da arte do soneto, eu tenho lido grandes sonetistas. Aliás, um detalhe importante é que quase todos os grandes poetas, das mais diversas escolas literárias, escreveram sonetos, o que demonstra a fértil permanência dessa composição poética, que teve universalmente grandes representantes: como, por exemplo, Bocage, Shakespeare e Florbela Espanca. Todos estes, eu admiro muito. Também não posso deixar de citar aqui os grandes Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, leituras obrigatórias, além do eclético Ferreira Gullar, do qual estou a 'devorar' atualmente "Poesia Completa, Teatro e Prosa" (um volume único maravilhoso com mais de mil páginas, da Editora Nova Aguilar). Admiro muito também a prosa poética de Guimarães Rosa e José de Alencar."

Tão logo aconteça o lançamento do seu mais novo livro "Voo de Polens" traremos para nossos leitores abordagens do poeta sobre: Impressões acerca do Soneto, Produção literária no MS, Do livro impresso, Posse na ASL, Prefácio do Livro Voo de Polens, Da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL) e Dois sonetos e dois poemas inéditos (do livro "Voo de Polens").

DIVULGAÇÃO

MIL entrega estatueta a Adriano Moreira

O professor Adriano Moreira, considerado a "Personalidade Lusófona do Ano de 2011" receberá a estatueta em sessão solene no dia 24 de Fevereiro, na Sociedade de Geografia de Lisboa – sessão a decorrer no dia 24 de Fevereiro, na Sociedade de Geografia de Lisboa, às 17h. Entrada Livre



O Movimento Internacional Lusófono, ou MIL, é um movimento cultural e cívico internacional que visa a promoção da cultura lusófona no mundo, o estreitamento dos laços entre os países da CPLP e ainda os laços destes com os povos falantes de português espalhados por toda a Terra.



O MUNDO MARAVILHOSO DA RÁDIO

por Carlos Leite Ribeiro

Desde que nos servimos da palavra (isto é verdade em todos os casos), a do locutor; a do conferencista; a do conversador – pretendemos PERSUADIR.

Persuadir alguém, é ser capaz de lhe comunicar o nosso pensamento – é tentar mostrar que se possui uma verdade, e, que essa verdade é susceptível de ser compartilhada.

E, nos tempos que vão correndo, a arte de “persuadir”, é uma verdade, com as regras e os seus costumes. As regras são necessárias, e o saber aplicá-las depende, muitas vezes, de certa espontaneidade ou de um certo dom pessoal. A rádio, iniciou uma nova “arte de persuadir”...? Há ou não há, uma diferença entre a palavra dita ao público, quando este está na presença de quem a diz, ou aquela que se dirige a um auditório distante, e é enviada por meios técnicos...?. Para quem fala, simultaneamente, a um público presente e vivo e a outro distante – tratar-se-á de se associarem dois pontos diferentes e, possivelmente antagónicos...?

À primeira vista, se quem fala, consegue comunicar directamente com aqueles que o conhecem, pode ter fortes razões para comunicar com os que não conhece e, que nem sabem quem é que lhes está a falar. Mas, os meios que nos servimos, diferem segundo o público radiouvinte que nos escuta – o que se diz para os ouvintes que nos conhecem, pode deixar indiferente os ouvintes que não nos conhecem. É a tal grande diferença entre o auditivo e o visual.

Este estado de coisas, põe-nos um problema de múltiplos aspectos difíceis de resolver, relacionados com a missão da palavra – esse precioso instrumento de comunicação entre os homens.

Há na palavra uma espécie de milagre perpétuo – basta abrir-se uma boca para se pronunciar um som. Este som, apesar do seu carácter material, é destinado a transmitir uma realidade de carácter espiritual. De todas as formas da matéria, o som, parece ser a mais fluida e impalpável – é, na realidade, evasante. O pronunciar, desaparece sem deixar vestígios – mas, se um gravador o reanima – o pensamento que exprime, ressuscita com ele. Mas, a palavra não é somente uma intermediária entre o pensamento e a expressão – entre o espiritual e o material.

Goza ainda do poder excepcional de pôr, necessariamente em relação, dois órgãos diferentes – com efeito, a palavra, inseparável da voz, é ouvida. Estes dois aspectos da palavra proferida e ouvida, coincidem no mesmo homem – quem se fala, ouve-se...

Esta relação entre a voz e o ouvido, é sem dúvida inseparável da consciência humana. A voz, exprime actividade, enquanto que a audição, exprime uma passividade. E, porque o homem pode ouvir o que se diz, que ele se pode rectificar, no caso de não ser correspondido à intenção pretendida, à significação que pretendia alcançar. Por consequência, graças a esta actividade da palavra, e a esta passividade de audição, numa modalidade autocritica perpétua, é um controlo pelo qual o homem tenta comunicar, precisamente, o que ele quer dizer a quem o ouve.

A consciência realiza, por este meio, um diálogo consigo própria.

Em contrapartida, na comunicação entre dois seres, produz-se uma espécie de divórcio entre a palavra e a audição. É, precisamente sobre este divórcio entre a actividade da voz e a passividade da audição, que repousa toda a possibilidade de comunicação entre consciências.

Esta actividade e esta passividade, aparecem profundamente ligadas uma com a outra – um ouvinte, ouvindo o que lhe dizem em silêncio, não pode compreender o que dizem, sem reconstruir para si – embora, de determinada maneira.

A “palavra interior”, que cada ouvinte pronuncia para si mesmo, logo que ouve a palavra de outrem, é a base de toda a compreensão.

Quais são as transformações que a Rádio pode introduzir neste quadro de compreensão, que implique um estreito entendimento entre a voz e o ouvido? ...

Antes de mais nada, a Rádio aparece-nos como um instrumento de análise.

Quando um público ouve quem lhes fala, vê um corpo humano, um homem (ou uma mulher), cuja intervenção é a de comunicar a

outro o seu pensamento. Assim o ouvinte vê a sua fisionomia, observa os seus gestos. De certa maneira, todo o homem que fala, o faz com todo o seu corpo – a palavra é sempre uma forma parcial de expressão, porque essa expressão põe em jogo o corpo inteiro. Perante um público presente, é possível separar e mímica da palavra. Em todos os tempos, a pantomima conseguiu, isolando os gestos daqueles que tentavam comunicar. Juntando o gesto à palavra, para mais se parecer com a realidade, a televisão criou uma ilusão mais complexa.

A essência da Rádio, consiste em separar os ecos e os sons (o princípio da Radiodifusão), suprimir o aspecto visível da expressão. Fica no desconhecido uma multiplicação de movimentos, sem a qual a palavra parece perder a sua condição essencialmente viva.

A Rádio põe-nos o seguinte problema: em que consiste a significação do som, examinando só a sua pureza...?

O som, é um modo de expressão, absolutamente separado.

O importante é que uma comunicação que se estabelece pela palavra, pressupõe dois participantes: um que fala e outro que ouve. A palavra é a cadeia, ou seja, a ponte que os liga.

Considerada na sua essência, isola este modo de comunicação, e, a cadeia deixa de ter as suas extremidades visíveis – isto é, o que fala e o que ouve. Em Rádio, verifica-se o isolamento do som que liga os dois interlocutores. É, por isso que ela é o melhor sistema de estudo do som, em si próprio, como puro meio de comunicação entre as consciências, quaisquer que elas sejam.

A diferença essencial entre a comunicação real, imediata, que se pode estabelecer entre os homens, e a comunicação estabelecida entre eles, através da Rádio, põe em jogo o contraste entre a presença e a ausência. Na palavra há como uma dupla presença. Em Rádio, uma dupla ausência – aquele que fala não vê o que escuta – o que escuta, não vê quem fala.

E, para mais, enquanto a conversa, o discurso, etc., são sempre inseparáveis de acontecimentos vivos nesse momento, a Rádio capta o relato do acontecimento, indiferente ao tempo e ao lugar onde se verifica.

Basta que o ouvinte queira ouvir um som gravado anteriormente para que, dando uma volta a um botão do seu aparelho de escuta e gravação, esse som se torne presente.

Esta possibilidade dá ao ouvinte uma espécie de soberania sobre o som, tornando-o o seu amo, talvez como compensação da ausência de vida real, parece inseparável de toda a conversação.

A palavra gravada fica, indiscutivelmente à disposição de quem a possui, independentemente da vontade de quem a produziu, e, com o qual crê comunicar sempre que o queira fazer.

Aqui chamamos a atenção de todos aqueles que pretendem ser profissionais da Rádio. Pensei sempre que nunca estão sozinhos e a palavra pode não ser tão fugidia como muitos pensam...

Quais são, pois, perante a Rádio, as atitudes do ouvinte e do apresentador...?

Nem uma nem outra coincidem com as que têm na vida de todos os dias (no nosso dia a dia), quando nenhum aparelho (de emissão ou de recepção) está em jogo.

Com efeito, o ouvinte, ao desejar pelo som (neste caso pela Rádio) e só pelo som adquirir uma informação, ou receber uma mensagem (não interessa de que género), interessa-se pelo que lhe comunica o seu interlocutor invisível, pedindo-lhe apenas uma certa verdade objectiva.

Tornando-se, pois, necessário que aquele que pretende comunicar, por intermédio do microfone, o faça com um tom de objectividade susceptível de criar adesão e confiança. Em muitos casos, a Rádio, não se contentando em emitir apenas um som, estabelece uma espécie de comunicação, ideal e imaginária, entre diferentes sentidos, porque o ouvinte tenta perceber, além do que é audível. Para tanto, até inconscientemente, ele trata de reconstruir na sua imaginação o espectáculo que mais lhe convém, para melhor compreender o que lhe explicaram pelo som.

Podemos assim dizer que a Rádio utiliza o meio sonoro, mas evoca o meio da visão.

Tudo isto, é apenas um aspecto da atitude do ouvinte, que não pode deixar de se influenciar pelo timbre da voz que ouve.

Certas vozes deixam-no insensível, outras provocam emoções. Há nas vozes um elemento comparável à fisionomia. Não se vê aquele que fala ao microfone – dá-se uma espécie de abolição da sua imagem visual – mas ouve-se, e a tonalidade dessa voz é inseparável da tentativa de um conhecimento do homem. Chega-se a supor reconhecer o que há de mais profundamente essencial num ser, pela tonalidade da sua voz, muitas vezes mais expressiva do que a sua fisionomia, que pode ser imóvel.

Falar, é um acto no qual aquele que fala, põe todo o seu ser. É por isso que a voz é em muitos casos tão reveladora, e que, mais do que o rosto, descobre quase sempre a individualidade de um carácter. Assim, uma nova revelação é feita ao ouvinte atento, apresentando-lhe um pormenor importante e sugestivo. Pode ser que a Rádio “apague” tudo quanto uma voz tenha de particular e de original – ou aquele que fala, a deturpe ou a modifique, voluntariamente ou involuntariamente. O ideal será sempre que, aquele que fala, embora sentindo a presença do microfone, se deixe em presença de si mesmo e do seu pensamento. Eis, sem dúvida, o último ponto ao qual a Rádio é capaz de chegar.

Depois de termos enumerado os aspectos diferentes que se podem distinguir na maneira de escutar a Rádio, façamos uma distinção análoga das diferentes maneiras de se exprimir perante o microfone.

- Se não há público que assista, a quem se deve dirigir aquele que fala?...

Indiscutivelmente, ao aparelho que tem na sua frente, que personifica esse público. A maioria dos que falam ao microfone, dizem que este é singularmente enervante, impedindo muitas vezes o curso normal do pensamento, dificultando a expressão, estabelecendo como uma barreira, entre a palavra e o espírito. O microfone impõe a sua presença aos que falam na Rádio, apesar de não ser mais do que um aparelho. Mas, que se sente um certo embaraço perante este aparelho, é por uma razão grave. O microfone não personifica uma personagem ideal, um radiouvinte imaginário, embora possua um carácter quase “divino” ou mesmo “diabólico”, no sentido em que é um intermediário entre aquele que fala e um número considerável de ouvintes invisíveis.

Ele, tem um poder extraordinário, que a voz não possui – mostra a responsabilidade e o peso da mais insignificante palavra.

Nada lhe escapa, e o seu papel de intermediário é cumprido rigorosamente, levando ao auditório tudo quanto se diga ou faça por meio do som.

Em que tipo de ouvintes pensa um locutor quando fala ao microfone?... Quem são eles?...

Primeiramente, esses ouvintes são numerosos e ausentes – têm um carácter anónimo.

Com efeito, um locutor (ou apresentador) fala a uma multiplicidade infinita de ouvintes possíveis.

A voz, dirige-se a todos quanto a ouçam ou venham a ouvir através de uma gravação. Consequentemente, a palavra destina-se, não a um ser isolado, não a público mais ou menos numeroso, mas a todos os ouvintes que têm, ou poderão vir a ter a possibilidade de ouvir – a palavra tem um carácter de universalidade potencial.

Parece pois que a Rádio pretende cortar todas as relações entre aquele que fala e quem o escuta, particularmente vivo, situado num ponto determinado do espaço e do tempo.

Em todo o caso, este facto não passa de uma ilusão, pois, ou ouvintes são elementos de um público, embora de características muito diferentes.

Cada ouvinte encontra-se quase sempre só perante o seu receptor. Portanto, no momento em que um locutor fala, dirigindo-se a este público (que normalmente ultrapassa em número qualquer assembleia normal), apenas o faz, na realidade, e um único ouvinte.

É por esta razão que se diz (e justamente) que há, nas comunicações estabelecidas pela Rádio, um certo carácter confidencial. O bom ouvinte, deve sentir-se o único ouvinte.

A Rádio realiza, portanto, um facto extraordinário: dirige-se (deve) a todos os ouvintes. “Uma voz para todos e para cada um”.

É ainda por esta razão que a Rádio pode ter um carácter impersonal e indeterminado – mas também e ao mesmo tempo, um carácter mais íntimo, mais confidencial e mais secreto

Eis duas possíveis atitudes daquele que fala ao microfone: “Falar para todos e falar para um” e também “Falar a si mesmo” ..

Falar para todos e falar para um. No entanto, a atitude melhor, e que atinge o címulos das possibilidades de comunicação entre as consciências, é bem outra:

Falar a si mesmo:

O locutor, pretendendo comunicar o seu pensamento, como que esquecido do microfone, indiferente aos radiouvintes, consegue estabelecer uma perfeita ligação com quem o ouve.

Aquele que fala na Rádio, antes de falar com outrem, deve falar consigo próprio. Incapaz de comunicar o seu pensamento, se o pretende comunicar, antes de mais nada, que esse pensamento nasça no fundo de si mesmo.

Para comunicar a outrem o seu pensamento, é necessário que este pensamento apareça com a expressão mais profunda do que o homem tem de mais pessoal, e que, no momento em que se procura, precisamente, atingir o maior auditório possível, ele fala sempre como se falasse a si próprio.

Aquele que ouve, no fim de contas, tem também a impressão de que os pensamentos que lhe comunicam são os seus.

Isto só se consegue se o que se comunicou se tornar para quem ouve, o seu pensamento. Daqui se infere que apenas se pode estabelecer uma comunicação actual, viva e espiritual, entre duas consciências. É este o ponto mais alto que a Rádio pode atingir.

Para se persuadir realmente, não se deve procurar a persuasão.

É preciso que o pensamento tenha um carácter espontâneo. Que apresente, só por si, e fazendo parte integrante, uma forma da sua sinceridade e que se expressou seja o testemunho dessa sinceridade. Se esta condição se realizar, os homens apercebem-se de que há, entre eles, uma espécie de fundo comum – o que é verdade para um, também o é para outro.

Logo que nós desemos até às raízes da nossa intimidade, em vez de sermos separados por diferenças intransponíveis, comunicamos, mesmo sem o querermos e sem o sabermos.

O ponto extremo que nos é dado pela Rádio, parece ser, sem dúvida nenhuma, o mesmo que se verifica naquele que fala e naquele que ouve.

Este ponto extremo não se saberá atingir sem se consentir numa outra mediação, que se resume numa contínua atenção sobre nós próprios.

Se alguém lhe pedisse para colaborar num programa de Rádio, qual seria a sua reacção?... Se você for como a maioria das pessoas, entrará simplesmente em pânico.

Pensará logo: será que podemos melhorar os nossos dotes oratórios?... Claro que sim. Qualquer pessoa o pode, para que seja possível, basta aprender.

Deve ter em conta dois pontos fundamentais: a preparação e a apresentação. Ambas são muito importantes, senão vejamos:

- Deve escolher bem o assunto, o qual deve ser um tópico sobre o qual você tenha opiniões bem firmes. A única maneira de nos sentirmos à vontade diante dum microfone, é entender da matéria que vamos apresentar, e, sobretudo acreditar naquilo que tentamos transmitir (seja em que situação for). Escolha um assunto que interesse directamente os ouvintes e adapte a eles a sua mensagem;

- Organize com lógica os seus argumentos. Mas você precisa de engendar um ponto de partida (geralmente uma descrição sumária do assunto que vai falar) e, depois um corpo de texto que enumere os pontos principais. E, por fim, precisa de um final que resuma toda a sua exposição.

ATENÇÃO: A palavra em Rádio é muito fugidia, razão que deve repetir sempre e por outras palavras o que se disse anteriormente. Ouvir é muito diferente de ler e até de ver.

- Depois de tudo bem planeado, você vai precisar de ensaiar a melhor maneira de transmitir os assuntos aos seus ouvintes: Se lhe for possível, ensaia em casa sozinho e depois peça a opinião de quem saiba. Nunca tenha receio de uma crítica;

- Seja natural e faça desde logo amizade com os seus ouvintes (um bem muito precioso para que fala aos microfones. Lembre-se sempre que o ouvinte é que faz o favor de o escutar). Dê preferência a termos simples e a frases curtas (mais fáceis de ficar no ouvido do ouvinte);

- Haja sempre com naturalidade e segurança (nada de falsas personalidades e pense que o ouvinte já há muitos anos aprendeu a ouvir Rádio). Se por acaso se apercebeu que cometeu algum deslize, não tente emendar. Se por acaso se esqueceu do que ia a dizer a seguir, guarde consigo esse segredo, pois, os outros não o

vão saber (a menos que você lhes diga). Nestes casos meta um pouco de música instrumental que poderá interromper a qual altura, ao contrário da música cantada que nunca deverá ser interrompida. Depois siga com outro tópico. Não fale muito e tenha sempre a preocupação de não saturar o ouvinte. Nunca se esqueça que a grande e imprescindível decoração da Rádio, é a música.

REGRA DE OURO:

Não existe nenhuma lei que diga que se devam empregar palavras compridas, quando se fala.

Existem palavras pequenas que se podem aplicar para exprimir o que se quer dizer. Pode ser que a gente leve um pouco mais de tempo para as encontrar, mas às vezes vale a pena.

As palavras curtas são concisas, eficazes, e, vão directas ao assunto como uma faca. E têm um encanto muito próprio pois dançam, ondulam e cantam. Palavras curtas podem encerrar grandes pensamentos e exibi-los para que todos os entendam. Essas palavrinhas movem-se facilmente, enquanto as grandonas ficam isoladas, ou pior ainda, atrapalham aquilo que queremos dizer.

Não existe muita coisa que as palavras curtas não consigam exprimir – e bem.

ATENÇÃO:

Nunca grite para o microfone pois ele não é surdo! Fale para ele como se fosse um amigo que estivesse àquela distância.

A Rádio foi o primeiro meio de comunicação ao dispor do homem moderno, que assumiu este aspecto fascinante: falar, ao mesmo tempo, a um indivíduo e a uma massa colectiva.

Saliente-se, no entanto, mais uma vez, o facto essencial de a Rádio se dirigir especialmente a um só ouvinte isolado, embora atingindo simultaneamente uma soma considerável de outros ouvintes também isolados, que, no seu conjunto, formam uma autêntica multidão onde cada elemento se encontra separado dos outros por compartimentos estanques.

No entanto, este isolamento pode não ser físico, e muitas vezes não o é – mas sim um isolamento interior. Este carácter íntimo da comunicação radiofónica é de tal forma imperioso, que ele determina o estilo dos trabalhos radiofónicos.

A Rádio veio impor modificações profundas nos hábitos e na maneira de viver dos homens modernos. É, talvez difícil ter-se a medida exacta desta interferência, tal como não é fácil atinar com a sua razão fundamental. Parece que a Rádio pôs fim a uma espécie de isolamento no qual vivia o homem. Muitos seres humanos que antes do aparecimento da Rádio, se sentiam e realmente se encontravam isolados, têm agora o sentimento de fazer parte de uma comunidade. A mensagem fraternal da Rádio é permanente, regular, insistente.

Uma nova forma de comunicação foi estabelecida: os ouvintes sentem-se menos sós e participam na vida social. Atinge-se assim, um ponto extremamente importante. A reacção instintiva contra um sentimento de solidão, por um lado, e a tomada de consciência colectiva (que muitos consideram uma autêntica revolução), por um lado, são como uma réplica interior ao carácter bivalente da Rádio.

Pelo que se sabe do ouvinte, verificamos claramente que a luz não vira do seu lado, limitando-se este, a exigir que a Rádio o informe, a desejar que a Rádio o divirta e a aceitar que a Rádio o eduque.

Informar, divertir e educar, eis o que pedem à Rádio os ouvintes, cada um colocado no seu campo vedado. Caracteriza-se assim a massa ouvinte: conjunto de elementos individuais, conjuntos de comportamentos habitados – enorme colmeia, onde, em cada alvéolo, existe um receptor e um ou mais ouvintes isolados entre si.

A profissão de um profissional de Rádio, cada vez é mais exigente. Exige-se dele que tenha sempre presente o desejo de trabalhar para todo o auditório, e, só depois para o seu gosto pessoal, assim como o gosto dos amigos, estes, muitas vezes, responsáveis morais de uma fraca qualidade que alguns programas radiofónicos apresentam.

A produção radiofónica tem um papel muito importante a cumprir: Divulgar, Ensinar, Entreter.

No entanto, ponhamos desde já de sobreaviso todos quantos se dedicam ao assunto ou se interessam por eles, contra os maus resultados de certa “cultura popular”, arremedo da verdadeira cultura, utilizada pelos mais divulgadores ou por aqueles que, sem altura para tanto, pretendem tratar assuntos de nível elevado. E aqui é como o povo diz: “A ignorância é muito atrevida”.

NADA CUSTA FAZER - É PRECISO É SABER FAZER!

A Rádio, neste aspecto, necessita de especialistas, pois é muito mais difícil divulgar pela palavra falada do que pela palavra escrita. Quando são abordadas ideias totalmente novas, que requerem “segunda leitura”, o auditório fatiga-se, satura-se, perde-se e não acompanha.

Para se fazer compreender pela Rádio, há regras estabelecidas e pequenas subtilezas na elaboração dos textos para serem lidos ao microfone, que são imprescindíveis.

Uma Rádio que nuca ou quase nunca se destina à reflexão pessoal, à ânsia de aprender, que não estimula no auditório a vontade do estudo ou de investigação – não cumpre um dos seus principais pressupostos. Os outros (e também muito importantes, são a Informação, a Divulgação e a Música, esta adequada ao auditório que a Rádio tenha e conforme os horários que é mais ouvida).

A MÚSICA É A DECORAÇÃO RADIOFÓNICA!

Como também não estão a cumprir aqueles que não vêm na Rádio um meio excelente de educar o povo, e, que partindo “à prior” deste princípio errado, desprezam um valor social inestimável e uma arma contra a ignorância.

Não se pode escrever para a Rádio como se escreve, por exemplo, para um jornal ou revista. Não é unicamente porque os meios são diferentes, que suportam mal os efeitos literários e o tom enfático que a imprensa permite; é, principalmente, porque o fim é outro, porque a escuta difere da leitura, porque essa escuta tem condições que levam o ouvinte ao uso do esforço mínimo e porque ouvir não é o mesmo que ler.

O ouvinte encontra-se quase sempre sem compromisso de entrega, sem conceder ao locutor (ou apresentador) uma atenção muito especial e recusando-se, muitas vezes, à boa-vontade que daria a compreensão de um texto qualquer que lesse.

O ouvinte pensa que o locutor (ou apresentador) deve – e pode – imputar-se-lhe uma adesão, um esforço de compreensão, uma disposição para receber o espectáculo radiofónico que provocou (ou procurou) voluntariamente.

A um ouvinte, embora se lhe pudesse pedir outro tanto, retira-se-lhe esse compromisso, atendendo ao carácter quase imperativo da Rádio e não à determinação dos seus programas perante seu público; é, por assim dizer, um espectáculo que se impõe e que não tem em conta o direito do espectador.

Além disso, o ouvinte é vítima do carácter fugido da impressão auditiva. Se, durante uma leitura, se encontram passagens de compreensão mais difícil, o leitor pára e reflecte, relê e pensa.

Na Rádio, esta suspensão é impossível. Aquele que escreve, lê ou fala, tem de saber que, se o ouvinte “perder o fio à meada”, dificilmente o torna a apanhar...

Por isso, quem escreve para a Rádio, deverá recorrer às repetições necessárias à compreensão auditiva, sem entrar em exageros.

O escritor, evita as repetições, tanto de palavras, como de ideias – concentra, apura, sintetiza.

Esta preocupação deve desaparecer, quando se escreve para a Rádio, mas tendo sempre em atenção que, de uma maneira geral o ouvinte prefere um texto curto e simples.

O laconismo e a simplicidade constituem o melhor meio de elaboração de um texto radiofónico, capaz de servir e maioria, pois é difícil achar meio-termo que permita o tom suficiente oral um e para todos.

A tolerância do ouvinte é também um pormenor a ter em conta, pois o seu sentido crítico apura-se, requinta-se.

Não é necessário um estudo longo do assunto para se reconhecer que, dadas as particularidades do meio que serve, a heterogeneidade do público, etc., a redacção radiofónica é condicionada a valores diferentes dos da simples leitura.

Escrever para a Rádio, sem ter presente que o fim é totalmente diferente daqueles que se visa ao escrever para um jornal ou livro, é arriscar-se a não ser percebido e não atingir o que se pretende, independentemente do grau literário e gramatical que se escreve.

INFORMAÇÃO RÁDIOFÓNICA:

O Jornalismo falado pode talvez ser considerado como uma regressão, pois a comunicação verbal das notícias procedeu à invenção da Imprensa.

Infelizmente, a Rádio obriga a uma compreensão imediata, pois a leitura das notícias faz-se de uma só vez, e não se repete no mesmo noticiário.

O jornal permite Segunda leitura imediata; a Rádio não proporciona segunda audição. Se o ouvinte não percebeu totalmente, os detalhes serão esquecidos, os nomes modificados, as cifras alteradas, e as ideias, pelo menos, adulteradas.

E, para terminar este quadro, também pode estar em jogo um mau ouvinte, que não preste à leitura do noticiário toda a atenção necessária.

Pelo que se disse, nota-se perfeitamente uma certa semelhança da Imprensa com a Rádio, mas atenção, aquela tem a forma global e, esta tem a forma analítica, o que quer dizer que qualquer texto de jornal, em radiodifusão terá que ser apresentado em forma de comentário, e não deverá exceder a terça parte (o máximo) do corpo escrito.

E aqui, abrindo um “parêntesis”, aconselhamos que façam sempre um comentário às notícias dadas, que poderá ser de forma global.

Também sabemos que, como qualquer indústria, a Rádio, como organização, é susceptível de enfeudamentos, directrizes patronais, regulamentos limitadores, que determinam irrevogáveis de trabalho, nem sempre ao gosto do ouvinte médio, para quem a Rádio deve trabalhar.

A experiência de outras profissões, ensinou-nos que a incompetência pode ser tão noviça como a má intenção.

Houve um período, quando apareceram simultaneamente muitas Rádios, nem dando tempo a um auto didactismo eficaz, e o método de aprender pelo trabalho, foi o único possível.

Mas esta desordenada aprendizagem, provou pelos seus resultados que é possível ao “prático”, não saber tudo o que poderia saber ou tê-lo aprendido com prejudicial lentidão.

E dá-se, muitas vezes o caso de se aprender a fazer várias coisas de um só modo, quando existem soluções diferentes mais aconselháveis.

Tradicionalmente, é também a teimosia do profissional, capaz de continuar a usar um método já ultrapassado ou ineficaz, só porque aquele foi o seu método.

Sabem que o êxito de uma frase passa pela respiração oportuna, transições de tom e inflexões apropriadas?...

A FALA:

As crianças normais, atravessam todas as mesmas fases para aprender a sua língua materna, e conseguem mais ou menos ao mesmo tempo. Quer estejam privadas do contacto com ela, ou ainda que sejam estimuladas pelos pais, a praticar exercícios para o seu desenvolvimento.

Com apenas alguns anos de idade, as crianças ficam de posse integral do sistema linguístico, que lhes permite pronunciar e compreender frases, que nunca tinham ouvido antes.

Ao contrário do que acontece com esse ordenado amadurecimento (facto extraordinário que se processa espontaneamente), muitas crianças têm dificuldade de aprender a ler ou a fazer operações aritméticas, mesmo que recebam um bom número de horas de instrução. A criança vai aprendendo a sua língua, ao ouvi-la falar às pessoas que a rodeiam – embora essa linguagem seja tão complexa, que são necessárias páginas e mais páginas de diagramas, fórmulas e notas explicativas, para avaliar qualquer pronunciamento feito através dela, ainda que breve.

Durante o resto da sua vida, a criança irá dizer frases que nunca ouviu, e, quando está a pensar ou a ler, mesmo assim estará na realidade a falar consigo própria.

A Rádio poderá dar uma forte contribuição para a aprendizagem da língua materna às crianças.

Sem dúvida, a voz e o seu completo domínio, constituem a base do trabalho da maioria de determinados profissionais da Rádio, embora, frequentemente, seja notório que alguns locutores têm na voz o ponto mais débil da sua actuação.

A base fundamental para se adquirir uma boa voz, consiste numa eficaz respiração que facilite a obtenção da maior quantidade de ar, com o menor esforço possível, numa inspiração rápida e silenciosa – e uma expiração regular e controlada, também, num mínimo de interferências com o mecanismo que produz os tons na garganta.

Falar bem, com a voz sonora, ou é um hábito sem mérito, ou, um produto de exercícios. São raras as gargantas privilegiadas.

Melhorar a qualidade da voz, requer prolongados estudos, e, há um sintoma que pode orientar aquele que pretende essa melhoria de voz. Esse sintoma é o esforço. Quem fala com esforço, quem atinge este ou aquele efeito vocal, este ou aquele tom, por intermédio de um esforço considerável, terá de corrigir a sua maneira de falar.

A maioria das vozes desagradáveis, ou, cansadas, é consequência da falta de simplicidade na emissão vocal.

Um timbre demasiadamente agudo ou metálico, uma voz mal colocada, provocam fadigas, inflamações (com o seu infundável cortejo de anginas, rouquidão, etc.) e, muitas vezes causa a perda definitiva da voz.

Nunca se deve empregar a voz até ao limite do seu volume. Qualquer exercício que cause ou cause irritação, é um mau exercício, ou mal praticado.

A voz profissional (e só a esta nos referimos) deverá sempre ter como apoio uma respiração que arranque do diafragma, deixando todos os músculos em distensão.

Para obter maior volume, deve alimentar-se a pressão da respiração ao expirar, mas sem elevar a altura do som.

Numa consideração muito breve e mais simples, diremos que, o trabalho ao microfone, exige, quase sempre, um prolongamento das vogais e uma livre vibração das cordas vocais, num total uso de todas as ressonâncias.

Algumas considerações:

- Ausência de ímpetos súbitos – relâmpagos de voz – quando não intencionais;
- Altura exacta (entre o tom íntimo e o falar alto) - deve preferir-se o tom íntimo, sem prejuízo de um timbre suficientemente sonoro;
- Descontração (a voz oprimida é desagradável), devendo falar-se com a voz livre e fácil;
- Tom de nível médio (a voz situada, como instrumento vocal, na gama própria. Continuando a tentativa de resumir, terminaremos por afirmar que, a voz falada ao microfone, exige a aplicação de uma técnica especial, que não se pode inventar, nem mesmo quando se possuam verdadeiros dotes vocais. Esse técnica, tem de se aprender, e, pode-se resumir-se assim:
- Boa respiração, suave e silenciosa;
- Emissão fácil, com a voz bem situada “para a frente”; para facilitar o diafragma, tente falar sempre com a ponta do nariz um pouco empinada;
- Articulação dos maxilares clara e, por vezes, exagerada;
- Pronúncia impecável;
- Tom na gama média (variável de indivíduo para indivíduo);
- Dicção lenta, bem matizada (devemos fazer uma bem estudada simbiose entre os tons graves e os tons agudos);
- Expulsão regulada e vagarosa do ar pulmonar;
- Pronúncia até ao fim da última sílaba de cada palavra, recalçando os finais das frases – nunca “comer” as últimas sílabas de cada palavra.

Estas exigências implicam uma diminuição da rapidez de dicção. Por isso, o profissional de Rádio que usa a voz ao microfone, deverá falar com mais lentidão e com mais força do que na vida corrente.

Na Rádio, a interpretação vocal falada constitui, sempre não só base do trabalho, como também a única ao alcance de muitos dos seus profissionais. O trabalho de quase todos os locutores (ou apresentadores), baseia-se no trabalho dos autores, realizadores e redactores – sem esquecer os sonoplastas (também chamados assistentes).

A actuação radiofónica do locutor, do apresentador, do conferencista, do cronista, etc., exige que essa interpretação vocal se baseie numa dicção clara e num frasear correcto (deve ler com o sentido da frase, sem perder qualquer som emitido).

Cada frase, encerra uma imagem que lhe dá o seu verdadeiro sentido. Esta imagem, pode ser representada por uma só palavra, ou por um conjunto de palavras, que chamaremos “palavra (ou palavras) de valor”.

Ao dizer a frase, fixar-se-á o destaque principal (acento, mais ênfase, mais força, etc.) nestas palavras de valor, concentrando nelas toda a atenção, embora sem aumentar o volume da voz.

As frases possuem, muitas vezes, vários acentos e, neste caso, terá que dar-se a preferência a um, que será o dominante, sendo os restantes secundários.

Até o locutor interpreta quando lê um noticiário, pois, procurará dar a sensação de uma total ausência de adesão, precisamente através de uma interpretação. Ao interpretar (ou ler, se preferirmos um texto, apenas e exclusivamente de acordo com o sentido da frase, este notará imediatamente que a pontuação gramatical não corresponde, quase sempre, ao modo natural de dizer a frase, nem origina inflexões necessárias – isso, obrigá-lo-á a estabelecer certas “regras de fraseio”, que se tornam inseparáveis da locução ou da interpretação radiofónica.

Estas regras determinam-se por meio de pausas, da mais variada duração. Assim, a pausa pode ser um breve instante (tempo de respiração) ou, alcançar uma duração considerável (ponte de transição).

Do valor artístico e estético destas pausas, e o seu aproveitamento, depende o êxito pela ordenação da frase – respiração oportunamente, transições de tom e inflexões apropriadas.

Eis as principais “regras de fraseio” aplicáveis à Rádio:

- A vírgula não significa forçosamente uma pausa breve – em muitos casos deve ignorar-se;
- Faltam, num texto para ser lido ao microfone, com muita frequência, os sinais gramaticais respectivos – neste caso, deverá fazer-se uma pequena pausa;
- O ponto e vírgula, pode significar, tanto uma pausa breve como uma pausa prolongada – terá que definir-se de acordo com o sentido do texto;
- O ponto final não significa sempre um abaixamento de voz, embora, signifique sempre uma pausa grande;
- As reticências, no final de uma frase, significam uma ideia inacabada, devendo provocar uma pausa muito lenta. Isto é, o locutor ou intérprete deve completar a frase mentalmente, tratando de não fazer um corte súbito onde começam as reticências – se por falta de concentração do contracenante (nos programas feitos por mais de uma pessoa), se este não “entrar” a tempo, o primeiro, ao ler as reticências, deve, automaticamente, completar a frase que devia ter deixado incompleta ou em suspenso;
- O final das frases, independentemente da pausa que provocam, não deve precipitar-se ou perder-se. Em teatro, diz-se muitas vezes “não deixar cair os finais”, o que não se aplica em Rádio, visto que a voz baixa quase sempre onde, definitivamente, se conclui uma ideia:

- É preferível abrir uma pausa sem justificação estética, a não ter ar para emitir claramente um som vocal; confundir o som das vogais, ou pronunciar defeitosamente;

- O ponto de interrogação determina uma grande pausa, antes do começo da pergunta – quando a frase começa com um elemento interrogativo – tal como “porquê?” – “onde?” – “quem é?” – etc. Também existem perguntas que são, na verdade, exclamações, e é como tal que se devem ser inflacionadas.

Saber dizer uma frase com o seu acento lógico, aplicando as pausas de modo inteligente, é indispensável para o locutor, e também a todos que falam pelo microfone.

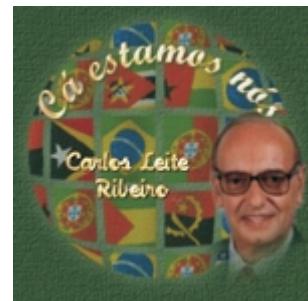
Uma vez vencido o respeito da pontuação gramatical (só a que se deve ignorar) deve ler-se para a locução, quer para a interpretação propriamente dita, de acordo com o verdadeiro sentido da frase.

Se se lhe juntar uma dicção clara e o conhecimento das “regras de fraseio”, a palavra falada atinge, pela Rádio, o valor único que este meio lhe concede e que, simultaneamente, lhe exige.

FALAR NÃO É DECLAMAR!

Carlos Leite Ribeiro

*Marinha Grande/Portugal
<http://www.caestamosnos.org/>*



Carlos Leite Ribeiro, Prof.
Mestre, nasceu em Lisboa, na freguesia de São Jorge de Arroios, no dia 05 de Março de 1937. Mora desde Setembro de 1967, na Marinha Grande /Portugal. Jornalista, locutor, historiador, pesquisador cultural, prosador, tem uma vasta obra literária, em contos, crónicas, artigos de pesquisa cultural, peças de teatro, romance e E-Books. Possui no seu currículo 8 cursos de Radiodifusão (1986 a 1992), para além do Curso de Educação Física (1962); Curso Geral de História (Politécnico 1964) com Mestrado em 1976; Curso Geral de Geografia (Politécnico 1967) com Mestrado em 1984. Fundador do Portal CEN - "Cá Estamos Nós", fundado em 15 de Julho de 1998, invejável Portal de difusão cultural, sem fins lucrativos, e divulgador de poetas e prosadores, por todos os países lusófonos e núcleos espalhados pelo mundo. É Membro Honorário e de Honra da ALMECE - Academia de Letras Municipais do Estado do Ceará (Brasil).

FEMINISMO DE LA NEGACIÓN DE SER, A LA AFIRMACIÓN DE SER por María Crística Garay Andrade

En este viaje apasionado en el que estoy inmersa desde hace tantos años constantemente encuentro algo nuevo para exponer en la segunda parte de mi libro, y no resulta nuevo por reciente, sino por incorporar un tema más que considero de interés general y de arrastre histórico que deben tomar conocimiento quienes lo desconocen y tomarlo como que fue la apertura de una gran transformación en la mujer.

El emprender esta travesía hace que resulte interminable su evolución, solo intento realizar un aporte más al propósito de cambiar esquemas que venimos forjando las mujeres que deseamos otro mundo que el establecido.

Una de las cosas más importantes que aprendí de mi vida política, es que resulta imposible demostrar aquello que no somos. Puedo sin duda alguna probar con un sinnúmero de ejemplos la afirmación de ser en contraposición de la negación de ser.

La negación de ser se anula justamente cuando con diáfana verdad emerge la afirmación de "ser" de una manera muy categórica, porque podría tranquilamente entrar en una infernal arenga si pretendo demostrar lo negativo de una explícita o implícita personalidad, la definición de una ideología política, o religiosa, como así también la orientación sexual escogida libremente. Sería inútil entonces intentar decir por ejemplo: "no soy atea" ¿Pues como demostrarlo en este momento sin tantos ambages? Con la simple sinceridad de confirmar

que soy cristiana cuando para reafirmarlo muestro que pende de mi cuello la imagen de la Medalla Milagrosa que es lo que da por definida mi posición de creyente y adoradora Mariana dejando de lado los convencionalismos dogmáticos impuestos por hábitos del pasado rancio.

Debemos reafirmar categóricamente nuestra identidad, es fundamental revalidar valores nuevos y genuinos, elevar nuestra autoestima y dejar definitivamente de oír un ego cultural segregacionista que nos han aplicado de inferioridad, para que de esta forma se pueda permitir que surja una conciencia con autoestima elaborada por su condición genuina de género sin instrucciones que la circunscriban a una determinada forma de ser concebida para ser mujer estereotipada masculina.

Todavía se oyen voces influenciadas por el temeroso machismo ortodoxo. Podemos arrancar en la aplicación corriente y muy conocida frase: "Yo no soy feminista" exclamada como salvaguarda para cubrir alguna duda de un mal entendido. Pues entonces mujer dime: ¿que eres? Porque siquiera puedes responderme con claridad que es el feminismo para que lo niegues tan rotundamente.

Resulta habitual temer a lo desconocido, negar por ilustración adquirida es asumir el erróneo concepto del significado de feminismo. Se tiene bajo el criterio de ser el antónimo de machismo, cuando lo correcto de su antónimo sería el hembrismo como expuse en otra de mis conclusiones, es esta solapada e injusta interpretación de la palabra feminismo que ha adquirido su mala reputación señalando a una persona ser anti hombre. Fue tradicional el valor sarcástico adjudicado a este movimiento político centenario para que sea observado con recelo, distorsionándolo e enfundándolo como teorías de bases androfóbicas para connotarlo de negatividad hacia el varón y compadecer a esas feministas pasadas de moda que lucharon por el derecho de la mujer a la educación superior, a seguir una carrera universitaria o a adquirir el derecho al sufragio, de elegir ser elegidas.

Aun se rumorea en muchas sociedades del mundo actual la nefasta opinión de que esas mujeres feministas eran víctimas neuróticas de la ansiedad fálica, que deseaban ser hombres y de su gran frustración por haber nacido mujer en el orden de inferioridad de condición de personas sobre la supremacía masculina.

Su heroica lucha por el derecho de la mujer a participar en los asuntos principales y en las decisiones de la sociedad como iguales a los hombres, se le condicionaba a creer que renegaban de su propia naturaleza de mujer que solo debía realizarse en la pasividad sexual, en la aceptación dominante del varón y en la concepción, descalificando la posición de vivir al servicio del mundo proyectista y lograr favorecer un diseño compartido de este.

En realidad fue la necesidad de forjar una nueva personalidad las que impulsó a estas apasionadas feministas a trazar nuevas rutas para la mujer. Algunos de estos caminos eran inesperadamente escabrosos, otros callejones sin salida, pero era real la necesidad de las mujeres de descubrir nuevas travesías porque ya les resultaba insuficiente el establecer un hogar como única meta sino que no podían postergar la negación de la existencia de su inteligencia deseando formar parte del esquema social del cual integraban como seres independientes.

Las primeras feministas fueron las pioneras en la línea de fuego de la batalla para que la evolución de la mujer gane la guerra. Y aun sigue pendiente esta situación porque si bien podemos decir que mucho hemos avanzado, no obstante debemos continuar con la cruzada de peregrinar por un denso camino de superación personal.

Ellas sin lugar a duda tenían que demostrar que eran humanas mientras que el hombre controlaba enérgicamente su destino con esa parte de la anatomía que no tiene otro animal "la mente" y una mente lamentablemente con convencimiento de superioridad.

La leyenda de la historia sobre el origen del feminismo indiscutiblemente es una deformación de la realidad sobre la que nadie se ha preguntado curiosamente el ¿Por qué? de la pasión y el ímpetu del movimiento feminista se lo hacía proceder exclusivamente de solteronas fracasadas, necesitadas sexuales, apesadumbradas llenas de odio hacia los varones, de mujeres

estériles o consumidas sexuales por tal ansia del miembro viril que se lo querían arrancar a todos los hombres o destruirlos definitivamente, para reclamar sus derechos porque en apariencia carecían de la capacidad de amar libremente. Es menester recordar que por aquellos años de siglos no muy lejanos, el apasionamiento erótico en la mujer como la inteligencia estaban totalmente reprimidos. Las palabras feminista y mujer de estudio, se convirtieron en agravios alevosos para quienes la recibían.

Las feministas habían logrado destruir el antiguo tipo de mujer vigente de la época, pero no podían borrar la hostilidad, el prejuicio, la discriminación que seguía existiendo, y tampoco podían perfilar el nuevo tipo femenino de lo que llegaría a ser la mujer cuando creciera en condiciones que no la hicieran inferior al hombre, dependiente, pasiva e incapaz de pensar o decidir por si misma.

Agotaron todos los recursos más inverosímiles, no midieron en aplicar terrorismo psicológico involucrando a un Dios réprobo, casi satánico, y aun así no pudieron con ellas, tenían que luchar contra la idea de que estaban violando la propia y única naturaleza que Dios les había proporcionado, la concepción.

Los predicadores exaltados, interrumpían las reuniones sobre los derechos de la mujer enarbolando Biblias y citando párrafos de las Escrituras Sagradas: "*San Pablo dijo: y la cabeza de cada mujer es el hombre...*"; "*Que vuestras mujeres guarden silencio en la Iglesia pues a ellas no les está permitido hablar...*"; "*Y si quieren aprender algo, que se lo pregunten en casa a su marido, porque es vergonzoso que las mujeres hablen en el templo...*"; "*Pero yo no aguento que una mujer enseñe, ni usurpe autoridad al hombre, sino que este en total silencio; pues Adán fue creado primero y luego Eva...*"; "*San Pedro dijo: por lo tanto, vosotras, esposas estaréis sujetas a vuestros maridos...*" y así podemos seguir citando infinidad de mensajes bíblicos apocalípticos y prejuiciosos, prohibiciones y tabúes que se encuentran en todos los niveles de la cultura de los pueblos por mas de tres mil años efectivos. Desde refranes de descrédito, al código civil, desde los libros sagrados y absolutos a las resoluciones exclusivas de los conductores espirituales, desde las teorizaciones filosóficas hasta la psicología freudiana regían y rigen severamente el estado dentro de un marco de referencia dado a la mujer. Pero no pudieron desde aquel entonces entorpecer nuestra evolución y seguimos insistiendo en la escaramuza titánica de autonomía.

Inclusivo ojeamos la barbarie de antaño el no estar permitido en los coros de las iglesias la presencia de mujeres. Para reemplazar la voz aguda no vieron nada mejor que incluir a eunucos que se los ordenaba en tal condición desde niños a partir de los ocho años argumentando creencias angelicales.

Era evidente que ya no se podía volver a meter el genio dentro de la botella. Cuando una mística tiene suficientemente fuerza, ésta crea su apropiada vida basada en hechos reales y se alimenta de su racional soberanía filtrándose paulatinamente en todos los escondrijos de la cultura.

En el ámbito actual la mujer ya no está más divorciada del mundo de las ideas, ni de este mundo tan vertiginosamente cambiante que venimos alcanzando a pujanza de adquirir identidad y espacios de poder, porque al franquear todas las barreras legales, políticas, económicas y educativas que en otros tiempos impedían a la mujer ponerse a nivel del hombre siendo personas por derecho propio, se convertía en un ser con total libertad para desarrollar su potencialidad insistiendo en afirmar que tiene derechos a levantar su voz en el presente y futuro destino de la humanidad.

La consistencia interna en cada mujer transgresora de normas que la condicionaban a ser objeto, da categóricamente como resultado final encontrarse consigo misma y transmutarse en sujeto equivalente al maravilloso nacimiento en cada una de nosotras del sentido de pertenecía del ser autónomo y soberano.

María Cristina Garay Andrade
(Derechos Reservados de Autora)

Monte Grande – Buenos Aires – Argentina
<http://mariacristinadesdemissilencios.blogspot.com/>

CUANDO ÉRAMOS AMANTES

María Cristina Garay Andrade

Entre tenues luces dormitando en total desacierto
Descubrí tu primer beso en los recuerdos muertos
Busqué por el mar de nostalgias en distintos puertos
Las noches de tus conquistas con los brazos abiertos

Encontré en los silencios cantares de ecos declarantes
De aquellas sublimes épocas en que éramos amantes
En confidencia la vida se perdió en un instante
Y el tiempo agotado por añorarte quedó suplicante

Partió la luna que fue testigo camino al horizonte
Antes que el albor de realidades apenadas la confronte
El invite de la subsistencia me indicó seguir adelante
Con mochila llena de tus ternuras melancólica y penante

Exigencia inagotable de continuidad la cercanía
En roce tus manos sobre mi cuerpo sin ninguna cobardía
El ayer se commueve de goce pensando en todo instante
Que hasta hoy lo percibo como cuando éramos amantes

Monte Grande – Buenos Aires – Argentina



LA EMIGRACIÓN EN EL MUNDO, ETERNO FENÓMENO SOCIAL

Por María Sánchez Fernández

La emigración es un fenómeno que se ha producido en el mundo desde que este tuvo en su regazo a este inquieto ser que llamamos Hombre. Primero fueron los pueblos trashumantes que iban de un lugar a otro con el deseo de poder encontrar un asiento definitivo y constituir su propia sociedad. En algunos casos lo encontraban, se ubicaban y

formaban sus propios clanes con leyes establecidas por ellos mismos. En otros casos eran rechazados por el lugar elegido a causa de la climatología, de la falta de recursos naturales para poder subsistir o simplemente levantaban el campo por desacuerdos entre ellos mismos por falta de adaptación y coordinación.

Pasaron miles de años y la emigración seguía vigente por necesidades económicas en casi todos los países del mundo. Las familias dejaban sus hogares y viajaban a tierras lejanas a causa de las guerras y la hambruna en busca de un buen trabajo que les diera para vivir holgadamente o al menos para poder vivir el día a día. Eran como pájaros que huían azuzados por el hambre y la desesperación hacia otras latitudes, a muchas latitudes de este ancho planeta, pero ellos llevaban siempre su dignidad como bandera porque se consideraban ciudadanos del mundo. No pedían nada, solamente ofrecían sus manos para trabajar a cambio de un salario.

Miles de españoles tuvieron que emigrar muy lejos de sus hogares en tiempos difíciles, de extremada escasez, sintiéndose que eran esos mismos pájaros antes mencionados. Encontraron nidos ajenos que los acogieron con amor, y comieron de sus comederos a cambio de su honrado sudor y esfuerzo, e hicieron unos sólidos nidos que jamás fueron destruidos.

La historia sigue adelante. Vivo en una pequeña ciudad de provincias donde gentes de variadas razas y culturas se ganan la vida honradamente en el comercio, en la hostelería, en la agricultura, interpretando música con cualquier instrumento como el acordeón, el violín, la guitarra o el saxofón en alguna céntrica calle para alegrar las horas mañaneras y sólo por unas monedas que la gente les deja con simpatía y ellos recogen en sus platillos con sonrisa agradecida, o montando pequeños retablos de marionetas que hacen los gozos de niños y mayores. Ellos un día fueron pájaros que volaron con la ilusión puesta en sus alas y al fin aterrizaron en suelo firme y construyeron sus nidos que nunca serán destruidos.

DESAPEGO

María Cristina Garay Andrade

Se fusionaron nuestras pieles una noche de verano
El mundo se hizo universo y el amor un decano
Musicalizado de ensueños los sensuales sucesos
Desplegado sus alas comenzaron a jugar traviesos

Cultivando del tiempo las horas de entrega
En deseo armonioso embelesado como miel se pega
En euforia la intimidad se manifiesta en suspiros
Las miradas fluyen en destellos de besos guajiros

Me enseñaste a amar desenfrenadamente
En el pulpito donde la pasión habla abiertamente
No hay después sin tu apacible celo manifiesto
En postrimerías te espero y al dolor lo recuesto

El éxtasis refugiado en presentes como un ciego
Te busca al tanteo para de nuevo encontrar tu fuego
Librado a su suerte mi querer solitario y andariego
Delibera en encontrar una razón válida a tu desapego

Monte Grande – Buenos Aires – Argentina



Estamos en plena recolección de la cosecha de aceituna. Desde noviembre a febrero Andalucía y sus provincias olivareras están desbordadas por inmigrantes de todas las razas y etnias. Úbeda es un auténtico puzzle de lenguas y de colores de piel: cobriza, ébano, aceitunada, amarilla y blanca rosada. Todos nos saludamos con cortesía y hasta nos ayudamos en los supermercados a cargar bolsas o consultar la calidad de cualquier producto. Por desgracia también hay mendicidad, incluso delincuencia, pues es tal la cantidad de personas que vienen en busca de trabajo en el olivar que no hay tajo para tantas manos extendidas, pues también están los autóctonos padres de familia que han de ganar su salario cuando el paro es otro fenómeno social en estos días que vivimos. Estas personas desfavorecidas que esperan sin suerte unas horas de empleo, la mayoría sin papeles de contratación, nunca les falta su alimento diario ni ropa para cubrirse ya que están los dispensarios de Cáritas Interparroquial y del Ayuntamiento que los abastecen de lo necesario.

Andalucía es la puerta grande de España y de Europa que extiende sus brazos al mar Mediterráneo, y este hermoso mar Mediterráneo fue el que le trajo en tiempos muy lejanos numerosas culturas que entraron y se cobijaron en sus brazos abiertos. Ahora sus aguas azules que se tornan negras en la oscuridad de la noche nos traen otra clase de cultura; la cultura del hambre y la desesperación.



a nuestras costas en la clandestinidad cargadas con una verdadera maraña humana que viene con la esperanza de encontrar un rincón donde asentar sus vidas. Muchas de estas personas vienen manipuladas y engañadas por los mismos agentes que les arreglaron, a cambio de dinero, documentación inexistente o nula, y los que no han sucumbido entre las olas de un mar frío y agitado y no han podido huir, al llegar a tierra, escondiéndose en cualquier agujero, como alimañas, son devueltos a su país de origen con su sonrisa de esperanza rota y con muchas lágrimas de desolación en sus ojos, pero siempre con la voluntad de hierro de volverlo a intentar.

Mi homenaje a estos valientes hombres, mujeres y niños que saben enfrentar la adversidad por buscar la dignidad del trabajo y la libertad del alma a la que todo ser humano tiene pleno derecho.

María Sánchez Fernández
Úbeda – España – Enero 2012

PATERAS

María Sánchez Fernández

iAy, hermano!, me tiendes tu mirada oscura, como el cielo que te cubre, en la desnuda noche de tu alma.

En ti brillan estrellas como lunas cuando sueñas mi orilla que te aguarda con la sonrisa azul de la esperanza.

Quieres sentirte libre entre las olas que te duermen, tan negras como abismos, mientras te crecen alas de gaviota.

Y sueñas con trigales de esmeralda donde la espiga crece y se hace oro bajo el sol de tu canto y de tus manos.

Y vuelas con las alas estrenadas en planeos de pájaro Marino hacia un mundo que ríe y que te llama.

Y allá en la altura inmensa de los sueños tus vuelos son las brumas que se pierden en la fría negrura de las olas.

iAy, hermano!, mi orilla que es tu orilla recibirá tu cuerpo derrotado por las furias del mar y de la noche.

Y tu mirada, abierta como el alba, manchada por espumas y por alga se prenderá por siempre en mi horizonte.

Poema PATERAS del libro “En los silencios del Alma”

ASSIM VOCÊ ME MATA!

por José Geraldo Martinez

Michel Teló ataca pela mídia televisiva, falada e escrita, ultrapassa fronteiras e - quem diria! - chega à Europa. "Nossa, nossa, assim você me mata" ... É mesmo a degradação da música brasileira que já teve anos dourados com Elis Regina, Toquinho, Vinicius, Milton Nascimento, Gil, Caetano, Djavan dentre outros da nossa M.P.B, estes para os "não tão velhos" e para não perder o saudosismo: Nelson Gonçalves, Adoniran Barbosa, Ataulfo Alves, Altemar Dutra, Miltinho Rodrigues, Maísa... Porém, o leitor pode estar me perguntando e por que Michel Teló? Ora, estou deveras preocupado com algum tipo de vírus ou bactéria vinda pela nova tecnologia dos CD's que estão nos contaminando sem que percebemos. A medicina devia investigar com alguma seriedade e na sua especialidade de psiquiatria sugerir a este escritor uma rápida internação.

Chega meu filho cantando: "Nossa, nossa, assim você me mata" ... depois vem a minha vizinha numa festinha outro dia lá em casa e de contrapeso o marido, é mole? Liga-se o rádio e lá vai: "Nossa, nossa, assim você me mata" ...

Não acredito! Até os jogadores do meu time na comemoração de um gol? Melhor seria aquele coraçõzinho feito com os dedos e já manjado a escutar: "Nossa, nossa, assim você me mata" ... Minha filha, meu neto e meu genro?

Saudade da boa música... O sertanejo universitário "chega, chegando", como diz um amigo. O castigo é pouco, minha mãe vez por outra está lá: "Nossa, nossa, assim você me mata" ... Poxa, gostava de ouvi-la cantando Maísa - "Viagem" -, algumas músicas inesquecíveis das meninas do rádio: Dalva de Oliveira, Dóris Monteiro, Ângela Maria, Mary Gonçalves, Marlene... Nada disso! Dá-lhe Michel Teló com seu: "Nossa, nossa, assim você me mata".

Isto me fez lembrar uma virose - eu penso - quando Tiririca soltou o tal de "Florentina, Florentina, Florentina de Jesus" ... e - acreditem! - chegou a deputado federal e um dos mais votados! A continuar assim teremos Michel Teló a presidente! É mole ou quer mais? Lula dançou a sua música! Estaria desta forma também contaminado? Tenha dó e que me perdoem os brasileiros que gostam da música por certo animada, esses mesmos que não perdem um capítulo do Big Brother Brasil e que do dia para a noite fazem de Luíza que está no Canadá uma personagem ilustre nesta terra tupiniquim. Estamos contaminados!

Acho mesmo que nem eu escapei! Outro dia no banheiro me peguei cantando esta porcaria! Que ninguém tenha me escutado! Eu que gostava tanto de Roberto Carlos, Altemar Dutra, Djavan, Nelsão e até me arriscava num castelhano com Julio Iglesias, num italiano com Pepino Di Capri...

"Assim você me mata, Michel Teló!".

José Geraldo Martinez

Poeta, cronista, contista, arranjador, compositor e escritor.
Araçatuba/SP/BR

O "FADO" EXPRESSÃO MÁXIMA DO CORAÇÃO LUSITANO ! por Adriano Augusto da Costa Filho

Segundo os mestres musicais e da poesia, o "FADO" é a expressão cantada de um estado de alma, melancólico ou alegre, de elogio ou de sátira e o nome deriva da palavra do latim "FATUM". No século 19, uma cantora do povo, a Maria Severa, apareceu com o seu canto emocionante no estilo cigano e com isso apaixonou o 13º Conde de Vimioso, ela foi a musa inspiradora dos futuros fadistas, pois que, uma cantadeira cigana trazia na alma a emoção sentimental de um povo, sendo portanto, a "Severa", a mais célebre interprete do Fado em todos os tempos e em nossa época pela Amália Rodrigues. Segundo o "Dicionário brasileiro da Lingua Portuguesa"-Fado-significa :Sorte, destino, fadário, aquilo que tem que acontecer, canção portuguesa, dolente, alusiva aos trabalhos da vida, musica e dança dessa canção e fadista é seu interprete. Fadário é fado, sorte, destino, vida apocentada, trabalhosa e lida incessante e Fadejar, cumprir seu destino, seu fadário, tocar e cantar à maneira do Fado.

Sempre dizem que a alma portuguesa é triste, mesmo porque na realidade o fado é um lamento triste, alguma coisa veio dos "mouros", que cantavam o lamento longe de suas terras africanas, onde eles nas noites cinzentas do inverno lisboeta juntavam-se nas tabernas e ali surgiam as musicas e seus lamentos e aliando-se ao cantar lusitano, derivou o lamento para os maravilhosos fados que hoje assistimos sempre.

Evidentemente, a "Mouraria", como a própria palavra diz deriva dos "mouros" certamente é o ponto máximo da representatividade da expressão máxima do Fado, quando pensamos no fado.O turista e o visitante sempre podem desfrutar de uma noite de fados, isso sempre acontece em quase todas as cidades portuguesas e em LISBOA podemos citar um "Restaurante Típico A SEVERA", bem como, o "Restaurante Típico de Fados FAIA" e também podemos mencionar na cidade do PORTO, o "Restaurante CASA DA MARQUINHAS", todos proporcionando uma noite espetacular de lindos fados. Todos esses restaurantes tem os seus próprios "modus-vivendus" e uma homenagem com letra de João de Freitas e música de Nuno de Meireles, um elogio ao restaurante" ASEVERA"

1 -Quem vier visitar o Bairro Alto/P'ra ouvir essa canção sempre sincera/ Não poderá passar sem dar um salto/Ao Restaurante Típico "A Severa "/Depois de estar na sala, bem sentado/E a comer um petisco saboroso/Ouve lindas canções e o nosso Fado/ Mas o Fado castiço e rigoroso. Vem o Estríbilo:

Severa...Severa...Severa... Já toda gente apregoa/Que é nesta linda Lisboa/Um restaurante afamado/Severa/Severa/Severa/Um nome, um padrão de glória/Que está gravado na história/Do nosso tão lindo fado.

2- Todo aquele que quiser, pode cantar/ Mostrando a sua voz nas desgarradas/Com certeza fora ao retirar/Que as noitadas aqui são bem passadas....

-E depois p'lo caminho irá pensando... Voltar outra vez cá, ó quem me dera... E decerto baixinho vai cantando, o estríbilo da Marcha de "A Severa".

Como o Brasil é um imenso Portugal, existem centenas de casas de Fados pelo Brasil afora, em São Paulo, além de muitas casas de fados, podemos citar 3 delas, que são maravilhosas, o "ALFAMA DOS MARINHEIROS" na Rua Pamplona,no Jardim Paulista, o "PORTUCALE" na Rua Nova Cidade, no Itaim, às bordas de Moema e o "CAIS DO PORTO" dentro da área social da Associação Portuguesa Desportos.

Um dos "Fados" mais bonitos que tivemos oportunidade de ouvir, foi o "FADO DA MOURARIA", que com as suas 2 partes e estríbilo nos faz sonhar com todo encantamento possível :

1ª parte:

FADO OH! MEU TRISTE FADO
ÉS COMO EU TRISTE E FATAL
TENS A DOR DE UM TORTURADO
TU ÉS CANTADO E DECLAMADO
PELA VOZ DE PORTUGAL!

Estríbilo:

NÃO CONHECE A MOURARIA
QUEM PASSOU POR ELA UM DIA
ELA DENTRO NÃO FICOU
QUEM LÁ DENTRO TER AMADO,
TER SOFRIDO TER CHORADO
PORQUE UM DIA LÁ PASSOU!.

2ª parte:

DISFARÇA MEU SOFRIMENTO
GUITARRA AMIGA
EU QUERO NESTA CANTIGA
MINHAS MAGOAS SOLTAS AO VENTO
NÃO QUERO PORQUE NÃO QUERO
QUE OUÇAS OS MEUS AIS
OH! FALSA DE OLHOS FATAIS
POR QUEM SOFRÔ E DESESPERO !



O Fado é honra é glória do nosso querido e Eterno Portugal !!!

Adriano Augusto da Costa Filho



Adriano Augusto da Costa Filho é português de Carção/Vimioso/Trás-os-Montes e vive em São Paulo- S.P.-Brasil. Membro da "Casa do Poeta" Lampião de Gás" de São Paulo. (Conselho Fiscal e Consultivo), Movimento Poético Nacional (20.Vice-Presidente) , AVSPE, AVPB, Academia Ipuense de Letras,Ciências/Artes/Ceará, Academia Poços-Caldense de Letras- M.G., Ordem Nacional dos Escritores do Brasil, Associação Portuguesa de Poetas-Lisboa-Portugal, Colunista do Jornal" Mundo Lusiada"de S.P. (Opinião Luso-Descendente), Colunista da Revista "Almocreve" de Trás-os-Montes/Portugal, Diretor de Redação do Jornal "A Voz da Poesia" do Movimento Poético Nacional, Diretor de Redação do "Boletim Informativo Mensal" do Movimento Poético Nacional, Sócio da "Associação Paulista de Imprensa." - A.P.I.



O PRETENDENTE
por Abilio Pacheco

A menina disse querer um esquife nos seus quinze anos. A mãe, antes de negar-lhe o pedido, indagou pelo motivo. Queria um esquife para meter-se nele e esperar a chegada do príncipe. Sem a mãe afirmar que morreria, a filha replicou: Há medicina. Fico no soro. O pai ouviu os detalhes: três vezes por semana, abria a porta e um rapaz entraria, removeria o esquife, a beijaria... Vacilou mas assentiu. Iria providenciar tudo, desejava apenas saber se ela não temia a velhice. Caso antes, papai. Antes!

Debutou, o esquife pronto, a medicina a postos. Adormeceu. Completou 16 anos e 156 pretendentes fracassaram. Os pais, tristes, o cãozinho choramingante e a fila de pretendentes enorme. Foram-se mais dois pares de anos, e nada. Daí, passaram a abrir o esquife todos os dias, depois, duas vezes por dia, depois três. Assim a fila foi diminuindo.

Não havendo mais fila, o esquife era aberto sempre que um novo pretendente surgia. Coisa cada vez mais escassa. Basta! Iremos acordá-la semanas antes de nossa próxima boda, disse o pai. Mas antes disso, ela foi beijada e acordou. Um pajem simples, contratado para cuidar do mascote... Estavam na sala do esquife quando o cãozinho, mesmo já velho, passou disparado com o jovem no encalço, pulou sobre a dona, lambeu-lhe o rosto, cheirou e, explodindo em feição de homem idoso, beijou a donzela. Depois expirou. Fizeram-lhe velório, enterram-no dignamente.

No dia das bodas, os pais festejaram o casamento da filha com o pajem.

CURVAS PERFUMADAS

por Abilio Pacheco

(Para Antonia e Iskarlett)

A filha era muito alta e a mãe queixava-se dos namorados que sempre a menina trazia pendurados debaixo do braço.
Sorte as curvas serem perfumadas. Mas os rapazinhos fracos não se resistiam ali; caiam.
Um dia a mãe admirou-se da filha com os fracos vazios. Havia depilado as axilas.

Abilio Pacheco
<http://abiliopacheco.com.br>

a poesia requer silêncio, requer ausências, ócios,
mesmo em meio a barulhos, ruídos e gritos,
mesmo em meio a gente, multidões, afazeres
o que ela quer é instalar-se, impregnar-se, emprenhar-nos
e de dentro fazer-se voz e grito, presença e trabalho

Abilio Pacheco

o poema nasce da terra,
nasce do chão, do húmus,

o poema nasce da pele,
nasce da carne, do sangue

o poema nasce da casca,
nasce dos gomos, do suco

o poema nasce do grão,
triturado, nasce do pó

o poema, das entranhas
ultrapassa o for superficie
sem que dela prescinda

Abilio Pacheco

pra que serve um verso doce? – para adoçar.
pra que serve um verso de sal? – para salgar.
pra que serve um verso azedo? – para azedar.

mas um verso amargo, não amarga nada.
um verso bruto, não embrutece nada.
um verso ferino, não fere nada.

amargo, bruto ou ferino...
um verso que assim se faz
arranca-nos do dia a dia
vivido ordinariamente

também não adoça, nem salga, nem azeda,
mas pode fazer-nos menos bicho
para sermos mais humanizados...

Abilio Pacheco



NOTÍCIA
GRUPO DE POETAS LIVRES – FLORIANÓPOLIS, S.C.

No passado dia 11 de janeiro de 2012, uma equipe da Record News compareceu na sede do Grupo de Poetas Livres para uma matéria sobre o Grupo de Poetas Livres que iria passar em rede nacional. A matéria foi ao ar no Jornal apresentado por Herodoto Ribeiro e com a atriz Beth Goulart falando em poesia. Participaram da matéria, Adriana Cruz, Cacildo Silva e Maura Soares. Cacildo é autor do Hino dos Poetas Livres, de sua Medalha, da Bandeira, do Troféu Garapuvu, do Púlpito, pois além de poeta e professor de música, é artista plástico. Adriana Cruz, uma das fundadoras do Grupo, 1a.Tesoureira, é a única que ainda está em atividade nestes 13 anos do GPL. Espero que gostem da matéria, pois fizeram edição de quase 45 minutos de filmagem.

Esse é o link da reportagem sobre a poesia:

http://videos.r7.com/r7/service/video/playervideo.html?play=true&idMedia=4foe1dafb51a4c793f330590&thumbnail=http://r7videos.thumbnail.s3.amazonaws.com/ER7_RN_JRN_BETHGOULART_452kbps_2012-01-11_8109b003-3cad-11e1-9f42-5b03aebc10bc.jpg&idCategory=211

Maura Soares – Presidente do GPL
www.lachascona.blogspot.com



ESCOLA, FAMÍLIA E CULTURA

por Carlos Lúcio Gontijo



As escolas, mais que nunca, precisam inserir as famílias no processo educacional como meio de ao menos alcançar alguma diminuição no avanço do nível de rebeldia e agressão por parte dos adolescentes. As análises dos estudos e técnicos que lidam com dados relativos à violência no ambiente escolar sugerem que, antes de ser vistos como simples casos de polícia, problemas como droga e demais transgressões cometidas por crianças e adolescentes devem, numa primeira fase, ser tratados como questões pelas quais as escolas e as famílias precisam responsabilizar-se. Logicamente, para abraçar essa exigência, a estrutura escolar necessita equipar-se adequadamente, com quadros suficientes de psicólogos e assistentes sociais, que tenham condições de dialogar com os lares dos quais provêm os alunos com problemas de comportamento ou dificuldade de aprendizado, uma vez que os professores e as escolas não podem ser utilizados como substitutos ou tomar o lugar de pai e mãe, que não raro visualizam a entidade escolar como depósito de crianças e adolescentes com as quais não conseguem ou não têm tempo de lidar.

O trabalho psicopedagógico com estudantes flagrados usando drogas no entorno ou mesmo no interior de instituições de ensino merece uma avaliação mais abrangente e multidisciplinar, envolvendo psicólogos, professores e pais, pois que é notória a percepção de que, quase sempre, os jovens usuários de drogas não são apenas jovens de lares desestruturados, mas indivíduos que vivem em ambientes nos quais impera o diálogo familiar ruim, em que é cada vez mais comum pai e mãe trabalharem para o sustento material dos filhos, ficando sem o tempo necessário para o estreitamento dos laços afetivos de compreensão, confiança, respeito e amizade, o que leva os lares a ser constituídos por estranhos que moram sob o mesmo teto. E, convenhamos, o simples apelo à força da consanguinidade pouco vale nesses casos!

Todavia é bom que nos lembremos de que educação e cultura no Brasil sempre foram áreas desprezadas e mal administradas ou tratadas como de menor relevo, apesar de todas as autoridades constituídas terem pleno conhecimento de que o país não chegará a lugar algum se não coadunar o crescimento da economia com a evolução do nível educacional de sua gente. Se assim não se der, o Brasil jamais passará de nação rica com povo pobre, porque sempre haverá bolsões de miseráveis e cidadãos incapazes de cuidar de si mesmos, exatamente pela letargia advinda da ignorância e falta de discernimento. A explícita realidade é que não existe nada mais dispendioso para o Estado que o cidadão desprovido de escolaridade e conhecimento suficiente em face das exigências do mercado de trabalho cada vez mais informatizado.

Quem como nós se entrega ao exercício da literatura e do jornalismo assiste à crescente escassez de leitores, num panorama tortuoso e de difícil saída, principalmente quando nos deparamos com caderno de cultura da importância de um jornal "Globo", desperdiçando o precioso espaço de seu site para mesurar quantas vezes as "meninas" do Big Brother Brasil de 2011 se masturbaram no transcorrer do educativo programa. Não há como envidar esforços em prol da educação em meio a tantos fatores de deseducação dessa magnitude.

O povo brasileiro (todos nós) está à espera da inauguração de uma escola assentada em ensino democrático, onde a comunidade escolar seja protegida pela prática de conceitos didático-pedagógicos modernos, ministrados por professores bem remunerados e em constante reciclagem. Somente dessa maneira nosso sistema de ensino será capaz de transmitir conteúdo didático e lições de solidariedade e amor ao próximo, que ficarão fixados na mente dos estudantes através da harmônica sintonia entre instituições de ensino e pais de alunos, numa interação que, mais que salvar jovens da ignorância, os afastará da delinquência proveniente do poder de cooptação praticado pelos inescrupulosos agentes do narcotráfico, que tão bem sabem tirar proveito da falta de união, compromisso social, senso coletivo e congregamento da chamada sociedade organizada.

Carlos Lúcio Gontijo

Poeta, escritor e jornalista

www.carosluciogontijo.jor.br

CHUVANO CIMENTO

Carlos Lúcio Gontijo

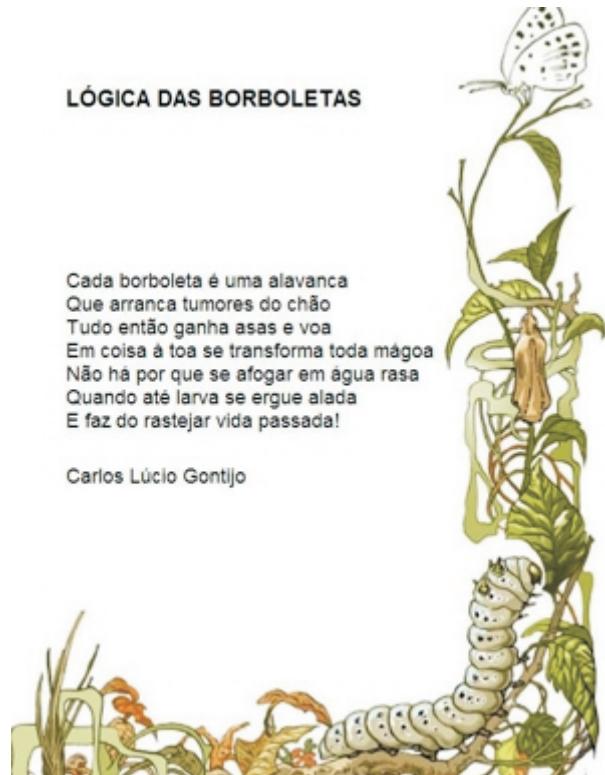
Chuva de verão no casario
Aguaceiro na cumeeira
Meiágua inteira não comportou
Inundou-se o barracão
Água molhou a sacaria
Do cimento reservado à construção
No milagre da invenção humana
Todo o pó em pedra se transformou
Fiquei só comigo a imaginar
Qual a metamorfose de nossa união
Seu corpo no corpo meu
Trazendo no suor o mar do coração
Descobri então pra minha tristeza
Que sua frieza no momento de nosso beijo
Pelo menos alguma serventia tem
Fantasia-me de pó de cimento também...

(Do livro AROMA DEMÃE - CLG/1993)

LÓGICA DAS BORBOLETAS

Cada borboleta é uma alavanc
Que arranca tumores do chão
Tudo então ganha asas e voa
Em coisa à toa se transforma toda mágoa
Não há por que se afogar em água rasa
Quando até larva se ergue alada
E faz do rastejar vida passada!

Carlos Lúcio Gontijo



OS POETAS, A POESIA E A SOCIEDADE por Luís Carlos Mordegane

Nos dias atuais quando o capitalismo, o consumismo e a prática de todos nós, indicam que se vale, ou o que se tem, ou os contatos que se tenha. Em que por mais que brademos tomados de indignação, fazemos todos nós um belo discurso...

Vivemos e carregamos a tatuagem de uma sociedade egocêntrica, hipócrita e indiferente à miséria humana. Sucumbimos, sem distinção, aos impérios da neurolinguística e do network, nos quais seus papas aconselham que só teçamos relações com pessoas bem sucedidas ou que nos elevem a tal patamar.

Num universo humano em que assistimos a escalada da violência e onde todo dia temos um referendo à impunidade, à falta de ética e à degradação dos velhos e bons valores. Onde a regra é vencer, ser bem sucedido ou parecer sé-lo. Num contexto social onde não há limites e dignidade parece coisa ultrapassada...

N'um poético lamento, leva o poeta com seus versos os seres humanos à refletirem nos valores que acicatam suas vidas.

Traz a poesia no seu bojo, a beleza e a pureza que existe incrustada em todo ser humano. Emergem através da sensibilidade do poeta todos os sentimentos. Assim, desencadeia ela, a conscientização, buscando atingir a maior quantidade de pessoas possível. Acrescenta a poesia, de forma eficaz e melódica, a valorização da vida e do ser humano. Não importa se lida ou ouvida, desde que o seja. Tampouco importa se ecológica, política ou romântica. Importa sim, que o poeta traga a si o compromisso de só a usar quando para através dela, ser agente formador ou de transformação. Não pode perder o poeta o referencial de que o afinizar leva à reflexão, ao auto-conhecimento e a transformação. Mesmo que seu leitor faça uma releitura, que seus versos ganhem outra dimensão, ainda assim, não abuse, não minorize, não subestime seu poder. Seja o porta voz confiável!

Quiçá consigam os poetas com seus versos, tocar a ínfima parcela da essência humana onde residem os verdadeiros sentimentos de fé, resistência, persistência e esperança. E que seus versos propagados a todos os recantos do mundo, iluminem obscuros corações com lampejos de lisura, carinho, ternura e amor.

Pois assim, talvez atinjamos a compreensão de que é urgente um resgate de valores para que tenhamos um mundo mais justo onde exista a paz e coexistamos em paz.

Inicie a mudança, no texto e no contexto.

Luís Carlos Mordegane
<http://www.mordegane.com.br>

ESPELHO Luís Carlos Mordegane

Quando olhar no espelho
e ver estampada
a face pranteada
por largas gotas
de cristais,
admire seu formato,
sinta o calor
que sulca sua face
e tente buscar
no seu eu
onde você se perdeu.

REFLEXO Luís Carlos Mordegane

No verso do espelho
n'un instante
d'un outro tempo
o rosto estampado
não era o seu
tampouco
era o mesmo brilho...
No marejado olhar
resplandecia vida
em um arder
de fãscante desejo.

Na face bela e serena
apenas um destoante
lampejo de adeus
bailava no olhar

FACES

Luís Carlos Mordegane

De um lado aquela criança
que insiste em não adormecer
que leva a vida brincando
e vai o senhor tempo driblando
e se deixando viver.
De outro lado o peso dos anos
nas delineadas rugas
que marcam a face
com a ponta afiada
do implacável
cinzel do tempo
que teimosamente
não me quer esquecer.

E assim nessa fusão
do velho e do menino
o inusitado pode
então acontecer.
Passa a ter a vida
um colorido ímpar
perdem seu peso os anos
e se transformam
em cálidas lembranças
dos momentos vividos,
onde um brinca de viver
e o outro aprende
a com ele conviver.



Luís Carlos Mordegane é escritor e poeta. Nasceu em São Bernardo do Campo - SP, Brasil. No início de 2001 saiu do anonimato adentrando nas veredas da poesia, chegando aos contos e crônicas. É membro do Movimento Poético Nacional SP, Cônslul Poetas Del Mundo em São Bernardo do Campo, (UBE) União Brasileira dos Escritores SP e membro da comissão organizadora Sarau Faça Parte. Participante em de diversas antologias, é autor de três livros impressos: "Eu, Um Velho Menino"; "A Casa do Fim da Rua" e "A Magia Dos Rondeis de Um Velho Menino".

**O CANTO QUE ENTERNECE OS ROCHEDOS OU A METALINGUAGEM
NOS SONETOS DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTA**
por Isabella Lígia Moraes

1. INTRODUÇÃO

O poeta setecentista Cláudio Manuel da Costa expressa em seus sonetos as contradições vivenciadas pelo homem letrado em sua época e região, pois, ao retornar às inóspitas Minas após seus estudos em Coimbra, percebe que não mais se identifica com a pátria. Isso porque, de acordo com as convenções árcades, a poesia deveria ser uma representação pastoril que remettese à mítica Arcádia, região grega em que figurariam suaves montes cobertos por faias e salgueiros e onde habitariam ninfas e pastores em pleno ócio, paisagem esta que se mostrava impossível de ser identificada com a capitania das Minas Gerais.

Instala-se aí um conflito que podemos identificar em seus sonetos, entre cantar a paisagem europeia, mais passível de associação à arcádica, ou a paisagem mineira, pois embora com ela o poeta não se identifique, é definida por ele no Soneto VCVIII como “o berço em que nasci” (COSTA, 2002, p.95). Considerando a tendência da poesia setecentista, “essa situação angustiosa, por si só (...) viola a primeira condição da poesia bucólica” (ALCIDES, 2003, p.13), já que transgride o topo do locus amoenus característico do Arcadismo.

Nesse sentido, Cláudio Manuel nos revela em suas Obras, publicadas pela primeira vez em 1768, a procura de sua própria poesia, que, em virtude da não identificação do poeta com sua região natal, busca, através da palavra, invocar musas, ninfas e pastores para habitarem ali. Essa transplantação da mitologia de origem greco-latina para a região das Minas e a oscilação do poeta entre cantar o Mondego e o pátrio ribeirão representam, nos sonetos de Cláudio, a laboriosa busca pela poesia, expressa através do uso recorrente do recurso metalinguístico.

A distinção entre dois níveis de linguagem foi apontada por Jakobson (2001) segundo o qual teríamos “a linguagem-objeto”, que fala de objetos, e a ‘metalinguagem’, que fala da linguagem” (JAKOBSON, 2001, p. 127). Considerando que o Arcadismo retoma ideais clássicos da obra de arte, e que nestes “o que é representado é um fenômeno completo, auto-suficiente (sic), cujos elementos estão todos interligados e interdependentes; nada parece ser supérfluo ou faltar nesse todo coerente” (HAUSER, 1995, p. 446), os sonetos de Cláudio, contrariamente, nos revelam a construção e os alicerces dessa obra, escrevendo sobre sua própria poesia. Se atentarmos para a recorrência com que o poeta usa o recurso da metalinguagem, percebemos a importância de se observar mais atentamente esse aspecto de sua poética.

Identificamos nos cem sonetos que constam das Obras a presença da metalinguagem em versos dirigidos à amada, ao interlocutor/leitor ou mesmo às musas, mas sua recorrência é visivelmente maior nos sonetos dirigidos à natureza. Como ressaltamos, fica claro na escrita de Cláudio o conflito entre as paisagens naturais europeia e pátria como topoi para a construção de sua poesia. Verificaremos, portanto, o motivo dessa recorrência nos sonetos em que a natureza é o interlocutor.

2. DIFERENTES MARGENS: UMA CLARA, OUTRA TURVA

Para dar início ao nosso estudo sobre a metalinguagem nos sonetos de Cláudio Manuel da Costa, que constam das Obras (1768), consideramos importante destacar algumas características do contexto em que o autor se insere. Tendo o poeta se transferido para Coimbra no ano de 1749, onde estudou Cânones, seus primeiros poemas dos quais temos conhecimento, o Culto métrico (1749), o Munúsculo métrico (1751) e o Epicédio (1753), nos revelam uma adesão à arte seiscentista. A estética barroca, predominante nas Minas Gerais, certamente teve forte efeito sobre suas primeiras produções poéticas, como vemos nesses poemas escritos nos primeiros anos em Coimbra, mas ali o poeta passou a ter contato com o Neoclassicismo que eclodiu na Europa. Ao retornar às Minas, publicou as Obras, nas quais já percebemos a primazia de uma orientação estética diversa.

Como bem aponta Aguiar, “se resíduos seiscentistas aí permanecem, inegáveis, em rebuscadas metáforas e retorcidos de linguagem, a ambiência pastoril, com a simplicidade do sentimento e a ingenuidade dos hábitos campestres, garante, entre outras coisas, a almejada ‘modernidade’ da época” (AGUIAR, 2002, p. 31).

Se considerarmos a Arcádia Lusitana, fundada em 1756 por Antônio Diniz da Cruz e Silva e Manuel Nicolau Estêves Negrão, percebemos que essa negação da estética seiscentista está bem expressa em trecho do discurso do árcade Correia Garção: “Magnífica idéia (sic) de banir da poesia portuguesa o inútil adorno das palavras empoladas, conceitos estudados, frequentes antíteses, metáforas exorbitantes e hipérboles sem modo, introduzindo em nossos versos o delicioso e apetecido ar de simplicidade” (GARÇÃO apud TAVARES, 1991, p.62). Nesse sentido, Cláudio Manuel, que se define nas Obras como “árcade ultramarino”, pretende inserir nas inóspitas Minas os ideais de simplicidade, polidez e civilização que prevaleciam na Europa.

A transplantação desses valores para a pátria, todavia, foi a primeira dificuldade imposta ao poeta, pois, ao retornar às Minas após seus estudos em Coimbra, percebe uma impossibilidade de identificação dos valores absorvidos na Europa com a pátria. Isso porque o aspecto pastoril que remettese à mítica Arcádia grega, caracterizado por faias, salgueiros, ninfas e pastores em pleno ócio, se mostrava impossível de ser identificado com a capitania das Minas Gerais, em cuja rude paisagem e no labor pelo ouro vemos o oposto daquele topo. O ideal de simplicidade almejado era, portanto, muito diverso da rusticidade aqui encontrada.

O conflito que se instala faz com que o poeta se sinta “na própria terra peregrino”. Seus sonetos, que buscam seguir convenções árcades e, por isso, deveriam se adequar ao ideal da obra de arte clássica (completa, autossuficiente), nos mostram, entretanto, sua própria construção, através do uso do recurso metalinguístico. Assim, seria justamente pela metalinguagem que o poeta revela seu conflito experimentado na escrita de seus poemas.

Entre os sonetos metalinguísticos de Cláudio Manuel da Costa, podemos verificar que há vários deles dirigidos à natureza, seja a europeia, representada pelo Mondego, ou a pátria, na figura do Ribeirão do Carmo. Analisando essa recorrência, verificamos que, entretanto, há uma diferença na forma de abordar essas naturezas diversas.

O Soneto LXXVI é dirigido ao “suavíssimo Mondego”, em que o poeta lamenta ter que deixá-lo, embora garanta que suas correntes serão eterno emprego de sua lira, pois a memória do rio o acompanhará para sempre. Atentemos à primeira estrofe, na qual vemos a descrição do rio como sendo “doce”, “claro” e “suavíssimo”:

Enfim te hei de deixar, doce corrente
Do claro, do suavíssimo Mondego,
Hei de deixar-te enfim, e um novo pego
Formará de meu pranto a cópia ardente.

De ti me apartarei; mas bem que ausente,
Destalira serás eterno emprego,
E quanto influxo hoje a dever-te chego,
Pagará de meu peito a voz cadente.

Das Ninfas, que na fresca, amena estância
Das tuas margens úmidas ouvia,
Eu terei sempre n'alma a consonânci;a;

Desde o prazo funesto deste dia,
Serão fiscais eternos da minha ânsia
As memórias da tua companhia.

(COSTA, 2002, p.85)

Na segunda estrofe, vemos que, embora ausente, o rio seria eternamente lembrado e cantado pelo poeta que, por dever muitas inspirações à sua corrente, retribuirá com poemas a ele dirigidos. Após falar da inspiração, no primeiro terceto o poeta define as margens do Mondego como sendo “úmidas”, “amenas”, “frescas” e povoadas por ninfas. O poema é fechado com a declaração de que o rio ficaria para sempre na memória, alimentando a ânsia do poeta e inspirando-o. Vemos assim, uma paisagem perfeitamente correspondente ao locus amoenus. O Soneto II, ao contrário, é dirigido ao pátrio rio, funcionando como abertura para toda a obra. O pátrio rio, esquecido, é celebrado pelo poeta para que a posteridade o conheça. Assim, o poeta considera eterna sua obra, através da qual seria possível eternizar a memória do rio:

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos seu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês Ninfas cantar, pastar o gado,
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo, banhando as pálidas areias,
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o Planeta louro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.
(COSTA, 2002, p. 51-52)

Na segunda estrofe, como é importante salientar, o rio pátrio é descrito pela negação, por o que nele falta em relação aos rios europeus idealizados: não há “álamo”, “ninha” ou “gado”. No primeiro terceto, o rio mostra-se turvo, contrastando com as pálidas areias que banha com suas águas, mas recreia a ambição daqueles que buscam as riquezas escondidas em seu leito. Vemos, portanto, tanto na descrição do rio como no labor dos ambiciosos, a transgressão do locus amoenus, que seria caracterizado pela beleza, calmaria e ociosidade. A impossibilidade de adequar a pátria aos valores árcades é sentida de tal forma pelo poeta que, nesse soneto dirigido à paisagem pátria, ele utiliza um recurso da estética seiscentista: os raios do sol fazem brilhar o ouro do rio, e o brilho do ouro aumenta o do sol. Essa influência recíproca é um resíduo barroco que, nesse sentido, não aparece em tal soneto por acaso. Assim, devendo ser lugar de contemplação, a paisagem pátria passa a ser lugar de reflexão.

3. O CANTO QUE ENTERNECE OS ROCEDOS

Os sonetos metalingüísticos de Cláudio Manuel dirigidos à natureza pátria nos revelam uma importante questão: a razão porque o poeta a ela se dirige tratando-a como seres animados de sentimento, procurando comover aos elementos naturais.

O trecho a seguir, do Soneto I, exemplifica essa premissa. O instrumento para cantar sobre o amor, seja a flauta ou a lira, é retirado dos montes. Assim, a inspiração vem da própria terra montanhosa, e o canto é justamente dirigido à mesma. Dessa maneira, o poeta pede aos montes que ouçam seu fúnebre lamento, e considera a possibilidade de tais montes serem animados de sentimento e, assim, enternecerem-se com seu canto:

Para cantar de Amor tenros cuidados,
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento,
Ovi pois o meu fúnebre lamento,
Se é que de compaixão sois animados:
(COSTA, 2002, p. 51)

Da mesma maneira, o seguinte trecho do Soneto VI, dirigido às brandas ribeiras, levanta a hipótese de que este pranto, estes ais – ou seja, o próprio poema – possam comovê-las.

Sendo assim, o poeta espera que seu triste canto seja digno delas:

Brandas ribeiras, quanto estou contente
De ver-vos outra vez, se isto é verdade!
(...)
Este pranto, estes ais com que respiro,
Podendo comover o vosso agrado,
Façam digno de vós o meu suspiro.
(COSTA, 2002, p. 53)

Todavia, enquanto nos dois citados trechos a natureza era apenas hipoteticamente animada de sentimentos, no decorrer das Obras isso se torna uma certeza. Assim, no seguinte trecho do Soneto LXXXII, os troncos já são acompanhados do adjetivo “piedosos”, e estão comovidos diante do pranto do poeta. Esse sofrimento, causado pela “ingrata Lise”, é justificado pelo poeta aos troncos, pois explica que é ela quem, com seu desprezo, o obriga a lamentar-se. No terceto citado, o poeta pede que, caso os troncos a vejam, contem a ela o seu lamento, e então refaz seu discurso, pedindo que, ao invés disso, permaneçam calados em tal situação:

Piedosos troncos, que a meu terno pranto
Comovidos estais, uma inimiga
É quem fere o meu peito, é quem me obriga
A tanto suspirar, a gemer tanto.
(...)
Deixou-me a ingrata Lise: se alguma hora
Vós a vedes talvez, dizei que eu cego
Vos contei... mas calai, calai embora.
(COSTA, 2002, p. 88)

Nesse mesmo sentido, o Soneto LIX é dirigido às penhas, no qual o poeta evoca outro evento em que havia já comunicado seu segredo a elas, sendo este também ouvido pelos ventos. No fato passado, suas lágrimas enterneceriam a dureza do rochedo, e nele o poeta escreveu a causa de seu mal. Ao retornar ao local para ver se o escrito continua ali, constata que sua história e sua tristeza se farão eternas juntamente com tais penhas:

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia,
Na muda solidão deste arvoredo,
Comuniquei convosco o meu segredo,
E apenas brando o Zéfiro me ouvia.

Com lágrimas meu peito enternecia
A dureza fatal deste rochedo,
E sobre ele uma tarde, triste, e quedo,
A causa de meu mal eu escrevia.

Agora torno a ver se a pedra dura
Conserva ainda intacta essa memória
Que debuxou então minha escultura.

Que vejo! esta é a cifra: triste glória!
Para ser mais cruel a desventura,
Se fará imortal a minha história.
(COSTA, 2002, p. 77)

Podemos perceber, através dos exemplos citados, que os sonetos metalingüísticos de Cláudio Manuel da Costa são tristes lamentos que, muito mais do que recorrerem ao topo do pastor desprezado pela amada, demonstram uma insatisfação e um conflito decorrentes de sua situação de desterrado.

A paisagem é animada de sentimentos, mas essa não seria uma condição prévia da própria natureza: é o canto melancólico do poeta que, pela força e profundidade, é capaz de despertar o sentimento de compaixão (Soneto I), comoção (Sonetos VI e LXXXII) e enterneecimento (Soneto LIX) até mesmo em seres inanimados.

O fato de tais seres serem justamente elementos da paisagem justifica-se pelo conflito do poeta em adequar-se aos cânones ou cantar a paisagem pátria, o que fez com que ele dirigisse seu angustiante lamento a essa natureza, lamento este metamorfoseado em topo árcade.

4. AS CANORAS MUSAS NAS INCULTAS BRENHAS

Conforme constatamos com nossas reflexões, o poeta buscou através da palavra povoar sua terra com seres mitológicos para, assim, legitimar as regiões das Minas em relação às convenções árcades. Percebemos no “Prólogo ao Leitor” das Obras a consciência do poeta de que a rústica região mineira não se enquadra nesses moldes: “Não são estas as venturosa praias da Arcádia, onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feia, a corrente destes ribeiros, primeiro que arrebatasse as idéias (sic) de um Poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhes tem pervertido as cores.” (COSTA, 2002, p. 47).

Dessa maneira, Cláudio Manuel povoa as terras pátrias com a mitologia conscientemente, revelando em seus versos essa construção. Nesse sentido, consideramos importante citar mais um poema – o Soneto C, que, embora não seja dirigido à natureza, e sim às musas, nos mostra essa elaboração na qual, através da palavra poética, as margens do pátio rio são povoadas com seres mitológicos.

Musas, canoras Musas, este canto
Vós me inspirastes, vós meu tenro alento
Erguestes brandamente àquele assento,
Que tanto, ó Musas, prezo, adoro tanto.

Lágrimas tristes são, mágoas, e pranto,
Tudo o que entoa o músico instrumento;
Mas se o favor me dais, ao mundo atento
Em assunto maior farei espanto.

Se em campos não pisados algum dia
Entra a Ninfá, o Pastor, a ovelha, o touro,
Efeitos são da vossa melodia;

Que muito, ó Musas, pois que em fausto agouro
Cresçam do pátio rio à margem fria
A imarcescível hera, o verde louro!
(COSTA, 2002, p. 96)

Esse canto, dirigido às Musas, corresponde ao último soneto das Obras, no qual o poeta diz ter vindo delas sua inspiração. Na segunda estrofe, o poeta diz que seu canto é magoado e triste, revelando o tom de toda a sua obra. Entretanto, ele pede que elas o auxiliem em algo mais grandioso, em cujo assunto fará maior espanto, o que poderia corresponder à escrita posterior do épico Vila Rica. O primeiro terceto deixa claro que, através de seu canto, foi possível que entrassem na pátria a ninfa, o pastor, a ovelha, o touro, e, dessa maneira, Cláudio Manuel nos mostra através da metalinguagem a construção consciente dessa representação pastoril nas Minas. No último terceto, por fim, o poeta mostra seu desejo de que cresça o verde louro à margem do pátio rio, e certamente Cláudio Manuel tinha a consciência de que seriam suas elaborações míticas e seus louvores que possibilitariam essa legitimação da pátria, ou ao menos desbravariam os caminhos para que as próximas gerações descobrissem e explorassem seus tesouros através do texto literário.

Através dos citados trechos de diversos sonetos, procuramos mostrar, portanto, como o poeta se dirige à natureza mineira tratando-a como seres animados de sentimento e procurando comovê-la. Em nossa leitura, isso se deveria ao fato de Cláudio Manuel da Costa, sabendo da impossibilidade de adequação daquela paisagem aos moldes para a composição de seus versos, revelar o próprio processo de construção dos poemas através da metalinguagem. O recurso metalinguístico em tais sonetos, assim, além de mostrarem o conflito vivenciado pelo poeta na escrita de seus versos, nos revela sua tentativa de legitimar a pátria perante as convenções literárias da época através do ato de povoar as Minas com a mitologia europeia, mostrando essa construção ao leitor de seus poemas.

Referências:

AGUIAR, Melânia Silva de. *A trajetória poética de Cláudio Manuel da Costa*. In: *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002, p. 27-39.

ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas 1753-1773*. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras*. In: *A poesia dos inconfidentes*. Org.: Domício Proença Filho. RJ: Editora Nova Aguilar S.A., 2002.

HAUSER, Arnold. *O conceito de barroco*. In: *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 442-453.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e poética*. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 118-162.

TAVARES, Hélio. *Classicismo, quinhentismo, barroquismo e arcadismo*. In: *Teoria literária*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991, p. 52-65.

Isabella Lígia Moraes

(por gentil divulgação do nosso Membro da Redacção Petrônio Souza Gonçalves)



Isabella Lígia Moraes: Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas / CNPq), com a pesquisa intitulada *Mito e alegoria em Cláudio Manuel da Costa: "Fábula do Ribeirão do Carmo" e Vila Rica*. Membro do Grupo de Estudos de Poesia da Modernidade (GEPOM) e do Grupo de Pesquisa Estética e Humanismo, ambos no âmbito da PUC Minas. Atua como editora na *ContraPonto - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras* da mesma instituição.

Participaram desta edição da eisFluências, os seguintes autores, por ordem de paginação:

António Justo, Victor Jerónimo, Oleg Almeida, Marco Bastos, Carlos Leite Ribeiro, Maria Cristina Garay Andrade, María Sánchez Fernández, José Geraldo Martinez, Adriano Augusto da Costa Filho, Abílio Pacheco, Maura Soares, Carlos Lúcio Gontijo, Luís Carlos Mordegane, Isabella Lígia Moraes.

A Revista eisFluências agradece a todos a prezada colaboração

“As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária. A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores.”